



afalgarve

futebol algarvio

N.º 72

Fevereiro / Março '13

**Padernense festeja quinto ano
de domínio no futsal feminino**



**Região com sete representantes
em várias selecções nacionais**

**Lusitano e Culatrense vão disputar
14.ª final da Taça do Algarve**

Mais de 300 mil utilizações

CENTRO NAUTICO
ABERTO TODO O ANO

PAVILHÕES

PISCINAS MUNICIPAIS

CAMPOS DE FUTEBOL

PISTA DE ATLETISMO



Faro

evoluimos consigo no Desporto

www.cm-faro.pt

 [/município de faro](https://www.facebook.com/municipio.de.faro)

Sumário

5 – ABERTURA

7 – MENSAGEM

8 – OS INTERNACIONAIS ALGARVIOS

9 – APURADOS OS FINALISTAS DA TAÇA DO ALGARVE

10 – AS SELECÇÕES DE FUTSAL: ENTREVISTA COM LUÍS CONCEIÇÃO

12 – PADERNENSE ALCANÇA PENTACAMPEONATO NO FUTSAL

14 – IMORTAL BRILHA EM JUVENIS E INICIADOS

15 – OS NOSSOS CAMPEÕES

16 – BOLA AO CENTRO, POR JOÃO LEAL

18 – FUTSAL: AS LEIS DO JOGO

19 – O OLHAR DE... NUNO ENCARNÇÃO

20 – DO JOGO DA BOLA ÀS CIÊNCIAS DO DESPORTO

28 – A PEDAGOGIA COMO FACTOR DE RENDIMENTO

31 – O MICROCICLO PADRÃO NO ESCALÃO DE INFANTIS

34 – ÚLTIMO PONTAPÉ

Ficha Técnica

Revista AF Algarve

N.º 72 – Fevereiro/Março de 2013

Director: Carlos Jorge Alves Caetano

Coordenador editorial: Armando Alves

Textos de: Armando Alves, António Pincho Correia, Carlos Humberto Almeida, Prof. Dr. J. Martinez, João Leal, Prof. Dr. Jorge A. Araújo e Nuno Encarnação

Fotos: Armindo Vicente, Carlos Almeida, Carlos Vidigal Jr, Hélio Justino, Luís Forra, Mira, Nélson Pires, Nuno Eugénio, José Carlos Campos, Vasco Célio e arquivo da Associação de Futebol do Algarve

Montagem e impressão: Gráfica Comercial, Parque Industrial, Loulé

Propriedade: Associação de Futebol do Algarve, Complexo Desportivo, 8000 FARO

Endereço electrónico: revista@afalgarve.pt

Sítio da AF Algarve: www.afalgarve.pt

Depósito legal: 242121/06

Distribuição gratuita

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa da AF Algarve





inspiramos as melhores jogadas



loulé
concelho

Associação Cultural de Salir | Casa Benfica de Loulé | Centro Animação Apoio Com. da Freguesia de Alte
Clube Desportivo Checui | Clube Desportivo de Boliqueime
Clube Desportivo Recreativo Quarteirense | Internacional Clube Almancil | Juventude Sport Campinense
Louletano Desportos Clube | Quarteira Sport Clube | Sociedade Cultural Os Falcões
Sociedade Recreativa Almancilense | Sociedade Recreativa Loulé-Gare

Valorizar o que de bom temos



A realização da 20.ª edição do Mundialito de futebol feminino, também conhecido como Algarve Cup, trouxe à nossa região, na primeira quinzena de Março, as três melhores selecções do ranking da FIFA – Estados Unidos (campeã olímpica), Alemanha (campeã da Europa) e Japão (campeã mundial) – e ainda vários outros conjuntos do “top” 20, naquela que é unanimemente considerada uma das provas mais importantes da modalidade.

As ímpares condições que o Algarve oferece, considerando a oferta de relvados e de unidades hoteleiras de grande qualidade, têm levado a que as várias delegações habitualmente presentes no Mundialito levem uma imagem muito positiva da nossa região, com a prova a ganhar um mediatismo crescente, por força, sobretudo, das transmissões televisivas, através da Eurosport e de outros canais.

Este é um exemplo de como o Algarve pode ser aproveitado e rentabilizado no âmbito do binómio desporto/turismo, ainda para mais na chamada época baixa, em que as nossas unidades hoteleiras registam fracas percentagens de ocupação, e a longevidade da competição traduz a capacidade de resposta que a região tem sabido dar às exigências de uma competição que se apresenta como a quarta mais importante do calendário internacional.

Embora em menor escala, o mesmo efeito e idêntico sucesso registam os torneios de sub-16 e sub-17 aqui disputados no Car-

naval ou o Mundialito de futebol jovem, com várias delegações estrangeiras a beneficiarem de um conjunto de equipamentos de excelente qualidade e de um clima ameno, numa época do ano em que em muitos países da Europa não há competição ou a mesma decorre em recintos muitas vezes “pintados” pelo branco da neve.

Estes valiosos “argumentos” que o Algarve apresenta têm valido ainda a vinda de muitos clubes estrangeiros, para a realização de estágios, nalguns casos incluindo a realização de torneios. A região dispõe de um conjunto de condições que podem ser potenciadas, assim haja visão e iniciativa no sentido de mostrar que temos mais do que os outros, em particular durante o Inverno. A começar pelo clima, claro, mas sendo a bondade do mesmo complementada com bons espaços desportivos, unidades hoteleiras de referência e um acolhimento sempre marcado por um sorriso e por uma disponibilidade permanente.

A escolha da região para grandes eventos e para estágios constitui uma mais-valia para o Algarve, sobretudo do ponto de vista económico, o qual assume uma relevância acrescida em tempos de crise, com o futebol a dar o exemplo de que com dinâmica, iniciativa e sobretudo uma boa oferta ao nível da qualidade, é possível dar passos em frente.

Armando Alves

we print

Imprima... Uma nova imagem para o seu negócio!



60 anos
desde 1953



Mensagem

Presidente da Direcção da Associação de Futebol do Algarve
Carlos Jorge Alves Caelano



Orgulho que serve de motivação

O Algarve viu nos últimos meses vários jogadores e jogadoras de futebol e futsal merecerem a chamada a selecções nacionais. Algo que sucedia muito espaçadamente ocorreu em número assinalável num curto espaço de tempo, num sinal claro do bom trabalho desenvolvido pelos nossos clubes, merecedor de elogios ainda mais expressivos por todos conhecermos as dificuldades sentidas para levarem a cabo, no contexto actual, as suas actividades.

Tão significativa representação nas selecções nacionais, retratada nas páginas desta edição, é um motivo de orgulho para todos nós e justifica uma palavra de particular carinho e estímulo aos dirigentes e aos técnicos que diariamente acolhem largos milhares de jovens e lhes proporcionam uma saudável prática desportiva, com a qualidade desse trabalho a traduzir-se no que todos aplaudimos – a chamada para representar o país.

Esta agradável realidade não é obra do acaso e a prova disso está na crescente competitividade revelada pelas equipas algarvias nas competições nacionais dos escalões jovens – três conjuntos apurados para a segunda fase em juvenis e iniciados (futebol) e fortes motivos para confiarmos em desempenhos positivos em juniores e juvenis (futsal), na linha do registado nas últimas temporadas. Jovens talentosos, técnicos com uma formação cada vez mais adequada para responder aos desafios que enfrentam e dirigentes empenhados criam, num quadro de crise e de muitos problemas para o comum dos cidadãos e para as nossas colectividades, as condições necessárias para que os resultados surjam.

Alguns dos nossos campeonatos já chegaram ao fim, outros estão na recta final, e, saudando os vencedores, queremos dirigir uma palavra de apreço e de estímulo para aqueles que ficaram ou vão ficar nos últimos lugares. O melhor “título”, para nós, é vermos os campos e pavilhões do Algarve repletos de gente jovem a praticar a sua modalidade favorita e os últimos de hoje

podem sempre ser, com trabalho, persistência e muita dedicação, os primeiros amanhã, havendo abundantes exemplos de crescimento e de superação.

O futebol algarvio perdeu recentemente duas das suas referências, o antigo jogador e árbitro José Rosa Nunes e o dirigente António Mergulhão. Futebolista do Farense e do Portimonense e desportista multifacetado, sagrando-se campeão do Algarve em várias modalidades individuais e colectivas, Rosa Nunes viria a destacar-se na arbitragem e tornou-se no primeiro algarvio a atingir o estatuto de internacional, actividade em que singrou por força de muita dedicação e de uma forma de estar e de agir que lhe granjeou admiração e estima. Presidente da Assembleia Geral do Portimonense, António Mergulhão deu um valioso contributo ao seu clube do coração durante décadas, com a capacidade de diálogo, a abertura de espírito e permanente procura de consensos a marcarem uma postura e um perfil que dele fizeram um dirigente estimado e reconhecido. A ambos o futebol algarvio ficará eternamente agradecido!



Sete algarvios chamados a várias selecções nacionais

A qualidade do futebol e do futsal do Algarve tem vindo a justificar uma crescente atenção por parte dos responsáveis pelas selecções nacionais e a recente chamada de seis jogadores e uma jogadora de clubes da nossa região é um sinal claro do bom trabalho aqui desenvolvido. Em todos os casos estamos na presença de futebolistas ou futsalistas que aqui cresceram e têm vindo a afirmar-se, com a chamada às selecções a constituir não apenas um óbvio e natural motivo de satisfação pessoal dos eleitos mas também o reconhecimento do esforço e do empenho de dirigentes e técnicos, peças-chave no desenvolvimento dos atletas. O médio Vítor Gonçalves, do Portimonense, e o extremo João Reis, do Louletano, foram chamados à selecção nacional de sub-21, na sequência dos atributos que têm revelado ao serviço dos seus clubes. Tratam-se de dois jovens jogadores nascidos e criados no Algarve, que represen-



Pedro Albino



Rui Oliveira



Pedro Delgado



Tiago Martins



Beatriz Silveira



João Reis

tam pode dizer-se a 100% o futebol da região.

Ainda no futebol, no escalão de sub-16, Pedro Delgado, do Portimonense, integrou a selecção nacional que disputou um torneio no Algarve, enquanto Pedro Albino e Tiago Martins, ambos do Olhanense, participaram nos trabalhos da selecção nacional de sub-15.

Também no futebol, mas no setor feminino, Beatriz Silveira, da Gejupce, integrou a primeiro estágio de sempre de uma selecção de sub-17 de futebol de onze. Como se sabe, o Algarve não conta com competição regional de futebol de onze feminino, o que não impede que a qualidade das nossas jovens jogadoras de futsal não seja reconhecida pelo departamento técnico das selecções.

Por fim, registo para a presença de Rui Oliveira, jogador do Albufeira Futsal, na selecção nacional de sub-20 de futsal,

traduzindo o bom trabalho que aquela colectividade tem desenvolvido em prol da modalidade, com uma aposta crescente na formação.



Vítor Gonçalves

Lusitano e Culatrense na final da Taça do Algarve

O Lusitano Futebol Clube, de Vila Real de Santo António, dispõe de uma boa oportunidade para tornar-se no clube com maior número de vitórias na Taça do Algarve, pois está apurado para a final da edição de 2013, depois de bater o Moncarapachense, em casa, por 3-0.

É a terceira presença dos raianos no jogo que decide o troféu e nas duas ocasiões anteriores o Lusitano saiu vencedor, batendo Silves (2001) e Padernense (2002), pelo mesmo resultado, 3-0. Na final, a equipa de Vila Real de Santo António vai encontrar o Culatrense, que venceu por 2-1 no reduto do Faro e Benfica, nas meias-finais. É a segunda presença dos ilhéus na festa do futebol algarvio, depois de em 2005 – numa das melhores finais do historial da prova – terem baqueado apenas no desempate por pontapés da marca da grande penalidade, frente ao Esperança de Lagos, depois de uma igualdade a três tentos.

Ao longo de 13 edições da prova apenas três clubes festejaram a vitória por mais de uma vez: Lusitano, Portimonense e Esperança de Lagos contam com dois triunfos. A valiosa Taça em disputa será entregue ao clube que alcançar três triunfos consecutivos ou cinco alternados.



TAÇA DO ALGARVE 2012/13

1.ª ELIMINATÓRIA

Odeáxere-Quarteirense	1-0
Moncarapachense-Quarteira	3-0
Lusitano VRSA-Algarve United	2-2 (12-11, g.p.)
Culatrense-Louletano	0-0 (5-4, g.p.)
Esperança de Lagos-Armacenenses	4-0
Almancilense-Silves	0-1

2.ª ELIMINATÓRIA

Imortal-Ferreiras	0-3
11 Esperanças-Lagoa	1-2
Moncarapachense-Odeáxere	4-0
Lusitano VRSA-Silves	2-0
Faro e Benfica-Esperança de Lagos	2-1
Machados-Aljezurense	2-1
Culatrense-Alvoreense	5-1
Castromarinense-Monchiquense	1-1 (2-4, g.p.)

3.ª ELIMINATÓRIA

Lagoa-Moncarapachense	1-1 (0-3, g.p.)
Faro e Benfica-Monchiquense	2-1
Culatrense-Machados	4-2
Ferreiras-Lusitano VRSA	1-2

MEIAS-FINAIS

Lusitano VRSA-Moncarapachense	3-0
Faro e Benfica-Culatrense	1-2

AS FINAIS

2000	PORTIMONENSE-Quarteirense, 1-0
2001	LUSITANO VRSA-Silves, 3-0
2002	LUSITANO VRSA-Padernense, 3-0
2003	ALVORENSE-Beira Mar Monte Gordo, 1-1 (4-2, g.p.)
2004	GUIA-Faro e Benfica, 2-0
2005	ESPERANÇA DE LAGOS-Culatrense, 3-3 (3-2, g.p.)
2006	CAMPINENSE-Ferreiras, 4-4 (5-3, g.p.)
2007	PORTIMONENSE-Louletano, 3-1
2008	MESSINENSE-Alvoreense, 2-1 (a.p.)
2009	ESPERANÇA DE LAGOS-Imortal, 1-1 (3-1 g.p.)
2010	LAGOA-Farense, 1-0
2011	SILVES-Quarteira, 3-1
2012	LOULETANO-Ferreiras, 2-0

“Aposta na formação é o caminho para nos aproximarmos dos melhores”

Luís Conceição, treinador de futsal com larga experiência na modalidade e um relevante trabalho realizado ao longo dos últimos anos, é o responsável técnico pelas selecções do Algarve e responde, nas linhas que se seguem, a várias questões relacionadas com suas funções e com o futsal da nossa região.



- Que selecções de futsal já tivemos em actividade nesta época desportiva e quais as que têm compromissos agendados no que resta da época?

- Na presente época tivemos em competição as selecções seniores femininas com a participação no Inter-Associações em Setembro último, e os sub-20 masculinos no Inter-Associações em Janeiro de 2013. Actualmente decorre a preparação da selecção distrital sub-15 que vai participar no Inter-Associações em Portalegre de 12 a 14 Abril. Estamos a fazer a observação de atletas para os sub-17, embora não esteja previsto por parte da FPF a realização de qualquer torneio para este escalão na presente época. É nossa intenção realizar treino de observação destes atletas para que na época 2013/14 possam participar no Inter-Associações sub-18. Para que este processo das selecções distritais se conseguisse desenvolver de uma forma mais coerente e justa, foi fundamental a aposta da Associação de Futebol do Algarve num seleccionador distrital que colabora exclusivamente com o departamento técnico. Permite o acompanhamento das equipas e atletas nos diversos campeonatos distritais e nacionais o que facilita o processo de observação dos atletas que representam as selecções distritais.

- No capítulo competitivo, quais as notas de maior realce que se podem extrair das prestações já rubricadas?

- Nas duas selecções que estiveram em competição esta época realço o empenho, dedicação e disponibilidade demonstrada por



atletas e clubes em participar e representar as nossas selecções. Tivemos uma participação séria e competitiva e deixámos uma imagem positiva do futsal algarvio a todos os níveis. Temos o perfeito conhecimento que existem regiões do país com um futsal mais desenvolvido e competitivo do que o nosso, mas, ainda assim tivemos prestações interessantes e coerentes. Na nossa forma de estar, no desporto em particular, com as selecções distritais o resultado desportivo nunca é primeira prioridade. Criámos as nossas linhas orientadoras das quais nunca abdicamos em prol de resultados desportivos. Justificando o que



estou a referir, dou o exemplo dos critérios que utilizamos para a convocatória das selecções distritais nomeadamente com a selecção sénior feminina, onde abdicamos de convocar algumas das melhores atletas do futsal feminino, simplesmente porque não treinam semanalmente no seu clube. Preferimos seleccionar atletas que treinam diariamente nos seus clubes, mesmo sabendo que a selecção fica mais fragilizada sem algumas dessas atletas. A selecção sub-20 masculina realizou um bom torneio. Tivemos menos sorte no sorteio dos grupos e ficámos no grupo de três equipas, terminando em segundo lugar, quando apenas o primeiro passava para a fase seguinte. Ficámos com a convicção que tínhamos valor para integrar os quatro finalistas da prova.

- Tivemos uma jogadora e um jogador chamados para selecções nacionais, algo que constitui um feito digno de nota. Dispomos de mais atletas com condições para darem esse passo num futuro breve?

- A Beatriz é praticante de futsal e foi convocada para a selecção nacional de futebol de sub-16, ao contrário do Rui Oliveira que representou a selecção nacional futsal em sub-20. Fazer parte das selecções nacionais deve ser um motivo de orgulho para todos os algarvios, nomeadamente para quem contribui ao longo destes anos para o seu crescimento e para a sua formação como pessoas e atletas. Actualmente temos alguns jovens atletas de muita qualidade e com um largo futuro na modalidade. Alguns deles estão referenciados pelos responsáveis das selecções nacionais e com possibilidades de poderem merecer a chamada num futuro não muito distante.

- O Algarve tem vindo a alcançar resultados interessantes na formação, em particular nas taças nacionais. Temos condições para continuar a produzir jovens de boa qualidade, que assegurem um futuro risonho para a modalidade, na região?

- Várias foram as equipas que realizaram excelentes prestações nas diversas taças nacionais. Muitas destas prestações devem-se à forte aposta que alguns clubes fizeram na formação de atletas e treinadores nos últimos anos. Existem atletas com bastante qualidade nos diversos escalões de formação. Para que o seu potencial seja desenvolvido é necessário que os clubes requisitem os melhores treinadores para este trabalho, caso contrário os resultados desportivos começam a ficar muito aquém do esperado e começamos a caminhar no processo inverso ao sucesso. Abordo esta questão com conhecimento do futsal

praticado pela maioria das equipas da nossa formação e pelo contacto que estabeleço com os atletas. Quando estes chegam aos trabalhos das selecções distritais, detecto em muitos destes jovens o não conhecimento dos princípios básicos do jogo. Não querendo ser pessimista mas como amante da modalidade fico preocupado com a qualidade de jogo demonstrada pela maioria das equipas nos escalões mais jovens. Esta qualidade ou falta dela é o reflexo do trabalho desenvolvido nos clubes. Torna-se urgente criar cursos de treinadores e acções de formação para a aquisição de novos conhecimentos. Dando resposta a esta área menos desenvolvida, no mês de Maio e num formato idêntico ao ano passado, a AFA realiza uma nova acção de formação com a presença de alguns dos melhores treinadores nacionais, contribuindo assim para a aquisição e desenvolvimento de novas competências por parte dos participantes. Pelo lado positivo, e nos muitos anos que tenho de futsal, quero realçar esta geração de jovens nascidos entre 1995 e 1998 como sendo uma geração de enorme qualidade e talento. Estes atletas, se continuarem a evoluir nas suas competências, podem tornar-se na melhor geração de jogadores de futsal da nossa região e ao mesmo tempo serem a base dos nossos clubes dentro de poucos anos.

- Comparativamente a outras regiões do país, em que patamar poderemos situar o futsal do Algarve, no todo nacional?

- Considero existirem quatro patamares, sendo o patamar um o mais elevado a nível qualitativo e quantitativo do futsal nacional. Na minha opinião coloco o nosso futsal no patamar 3. Para podermos estar perto dos melhores, destaco a aposta que deve ser feita nos escalões de formação. É aqui que devemos centrar o nosso foco nos próximos anos, isto se queremos estar entre os melhores. É urgente aumentar o número de equipas e de praticantes nos escalões mais jovens para podermos ter campeonatos mais competitivos. Pela primeira vez introduzimos os play-off nos diversos campeonatos distritais. Os principais objectivos deste novo formato, foram o aumento os quadros competitivos e a possibilidade de podermos proporcionar uma maior competitividade às nossas equipas. Se seguirmos o processo de aposta na formação com toda a certeza que dentro de alguns anos vamos tirar partido desse trabalho e aí sim, podemos lutar de igual para igual com os melhores. Enquanto não o fizermos vamos continuar a descer lentamente. como têm acontecido nos últimos anos, e assistimos a ascensão de associações de futebol que a alguns anos estavam longe de nós e hoje estão a nossa frente com todo o mérito.



PADERNENSE É O GRANDE DOMINADOR DO FUTSAL FEMININO ALGARVIO

Talento de mão cheia garantiu quinto título

Dois triunfos por margem folgada na final do “play-off”, diante da equipa dos Machados (6-3 e 5-0), garantiram ao Padernense Clube o quinto título consecutivo em seniores femininos – futsal, com a formação do concelho de Albufeira a confirmar um domínio avassalador, que se tem estendido a todas as outras competições de âmbito regional (Supertaça e Taça do Algarve, com o recente triunfo na final desta prova sobre o Montenegro, por 3-1).

“Isto é fruto do trabalho e do empenho por parte das atletas e de todo o grupo, muito unido e empenhado”, refere Vítor Santos, responsável pela equipa do Padernense. Um sucesso continuado que tem a sua justificação “na solidificação de processos e na forma como quem chega é recebido, integrando-se facilmente. Não há aqui nenhuma fórmula mágica, tudo passa pelo trabalho, união, esforço, atitude e respeito pelas adversárias.”

Um percurso vitorioso já longo, que encerra ainda outras justificações. “Para sermos melhores temos de ser diferentes, tanto ao nível organizativo como dentro do recinto de jogo. Estas jogadoras dedicam-se de forma louvável à modalidade e estamos todos a retirar os dividendos dessa forma de estar.”

O sistema implementado esta época, com a realização de “play-off” (numa decisão da maioria dos clubes), não agradou particularmente aos responsáveis do Padernense. “Fiz parte de uma comissão que se debruçou sobre a organização das provas e a redução de custos e batalhámos para que deixasse de ser necessário o policiamento, por representar uma despesa grande para os clubes. A solução encontrada não nos parece a mais adequa-



da, pois traduziu-se num acréscimo de 475 euros nos custos de arbitragem e como a nossa secção é completamente autónoma (até a água que bebemos é comprada pelo grupo), tal circunstância representou uma dificuldade acrescida.”

Vencedor da fase regular, o Padernense confirmou a sua supremacia nos “play-off”. “Acaba por ser um sucesso muito mais valioso”, sustenta Vítor Santos. “Fizemos a comunhão, ganhando o campeonato, e agora a crisma... Temos boas equipas no campeonato do Algarve, que já trabalham de uma forma diferente, só que, infelizmente, muitas pensam que ganhar o campeonato é... ganhar ao Padernense. E não é, precisam de ganhar aos outros conjuntos também.”

Segue-se agora a disputa da Taça Nacional, esta época em moldes diferentes, pois apura para o Campeonato Nacional, que conhecerá a sua primeira edição na próxima temporada. “Vamos integrar um grupo de três equipas em que as duas primeiras garantem a participação no Nacional em 2013/14 e o nosso objectivo passa por conquistarmos uma dessas vagas.”

MACHINE QUER NACIONAL

A guarda-redes e capitã do Padernense é conhecida por Machine mas de nome próprio Marisa Machinho. “Em tom de brincadeira, há doze anos, quando comecei a jogar, as colegas mudaram-me o nome... e ficou”, refere uma das pentacampeãs do Algarve. O quinto título acaba por “ter um sabor especial, devido às dificuldades sentidas na angariação de apoios. Tivemos de fazer um esforço pessoal maior para as deslocações, lanches, almoços e pode dizer-se que este sucesso saiu do nosso esforço mas também da nossa carteira, por força de uma crescente redução de ajudas.”

No balneário, “convive gente com uma grande diversidade de idades mas estamos todas unidas em torno do prazer de jogarmos futsal e de darmos sempre o melhor de nós em cada treino, em cada jogo... É essa mentalidade, muito forte, e extensiva aos técnicos e a todos os componentes do grupo, que explica os êxitos alcançados ao longo dos últimos anos.”

Celebrado o título, Machine e as companheiras já pensam num objectivo de grande significado. “Queremos fazer parte da primeira equipa algarvia participante num Campeonato Nacional e, nesse sentido, queremos ficar num dos dois primeiros lugares do nosso grupo na Taça Nacional, de forma a concretizarmos um sonho que há muito nos anima. Infelizmente, nos moldes em que se vinha disputando a Taça Nacional era muito complicado passarmos a primeira fase, com o modelo competitivo desta edição a dar-nos maiores esperanças.”

Caso o Padernense garanta o acesso ao Campeonato Nacional, na próxima época abre-se a sucessão a nível regional. “Várias equipas têm evoluído bastante nas últimas épocas mas soube-mos crescer e manter a superioridade. Se formos para o Nacional, haverá uma disputa interessante e seguramente marcada pelo equilíbrio, pois o Algarve conta com três ou quatro formações com argumentos muito idênticos. O importante é a modalidade continuar a crescer entre nós!”



JUVENIS E INICIADOS APURADOS PARA A SEGUNDA FASE DOS NACIONAIS

Imortal alcança feito histórico na formação

O Imortal Desportivo Clube vive a época de maior sucesso de sempre no seu futebol juvenil, com o apuramento das equipas de juvenis e de iniciados para as segundas fases dos respectivos campeonatos nacionais, algo inédito no histórico do clube e que só uma colectividade algarvia, o Louletano, dantes havia assegurado.

No escalão de juvenis, o Imortal concluiu a participação na Série E no segundo lugar, a quatro pontos do Vitória de Setúbal, somando apenas três derrotas: uma diante do vencedor do agrupamento e

duas frente ao vizinho Louletano, que acabaria por classificar-se em quarto lugar, não garantindo o apuramento para a etapa seguinte.

Na segunda fase, integrados na Série B, os albufeirenses estão a medir forças com Benfica, Vitória de Setúbal, Sporting, Marinhense e Operário dos Açores, registando até ao momento um excelente comportamento.

Em iniciados, o Imortal terminou a primeira fase no segundo lugar da Série G, a apenas um ponto de distância do Vitória de Setúbal, com uma derrota ca-

seira diante dos sadinos (a única nesta fase da prova) a acabar por revelar-se decisiva.

Na fase de apuramento do campeão os albufeirenses integram a Série C, juntamente com Sporting, Benfica, Vitória de Setúbal, Olhanense e Elvas, estando esta competição em curso.

Nota ainda, no que concerne a formações algarvias participantes nos campeonatos nacionais de formação, para a presença do Olhanense na segunda fase de iniciados, depois do terceiro lugar obtido na Série G, logo atrás do Imortal.



OS NOSSOS CAMPEÕES



CHE LAGOENSE
Campeões do Algarve de juniores femininos, futsal



SONÁMBULOS
Campeões do Algarve de juvenis masculinos, futsal



ALBUFEIRA FUTSAL
Campeões do Algarve de juniores masculinos, futsal

José Rosa Nunes

Uma lenda do desporto algarvio

Consideramo-lo, sem que tal afecte minimamente outros dos mais destacados valores da prática desportiva regional, “o maior desportista algarvio de sempre”. José Rosa Nunes, recentemente falecido (a 31 de Dezembro de 2012, em Faro, tendo nascido em São Brás de Alportel, a 13 de Abril de 1922), foi enorme e um exemplo apontado às gentes de todos os tempos, quer pelo valor revelado em várias modalidades (futebol, na qualidade de praticante e de árbitro, basquetebol, xadrez, ténis de mesa, bilhar, etc) quer pelo pioneirismo acontecido, daquele que foi o primeiro algarvio a ascender, em termos oficiais, a juiz internacional de futebol, num justo reconhecimento nos anos 60 do século XX por parte do organismo máximo do futebol europeu, a UEFA.

Quantas tardes de glória envergando a camisola do Sporting Clube Farense, como futebolista, ali no Estádio de São Luís, ou como basquetebolista, no hoje desaproveitado recinto da Alameda João de Deus...

Inteligente (como o comprova a competência no xadrez), dotado para a prática do desporto (de que é notório testemunho a presença determinante em várias equipas de futebol e de basquetebol), sabedor (assim o comprova a sua chamada para a direcção de jogos da 1.ª Divisão e das provas europeias), ágil (com aqueles golpes estonteantes do pingue-pongue), preciso (fazendo girar as bolhas de bilhar com a eficácia requerida), o Zé Nunes revestia-se



da sua simplicidade própria e estava sempre pronto a dissipar uma dúvida como, quando no activo, a empurrar a sua equipa para a vitória.

“Medalha de Mérito Municipal”, outorgada há anos e com toda a valia pela Câmara Municipal de Faro, em reconhecimento dos relevantes serviços prestados e do prestígio alcançado, deixa-nos um desportista de fina água. Aquele que, aceitando reparos e outras referências que tal possa suscitar, defino como “o mais completo dos desportistas algarvios.”

As “bíblías” de Cristiano e Messi

Qualquer um destes futebolista não são uma religião mas já têm as suas “bíblías”. Com efeito, num trabalho dos jornalistas Luís Miguel Pereira e João Pedro Bandeira, numa edição da editora portuguesa Prime Books, foram lançados no mercado, e em simultâneo em português e em castelhano, os livros “Bíblia de Cristiano” e “Bíblia de Messi”.

Ambas as obras constituem uma compilação de dados, factos, grandes momentos, declarações proferidas ao longo das

carreiras destes dois mediáticos futebolistas, conquistas e curiosidades quer sobre o português actualmente ao serviço do Real Madrid, quer sobre o argentino Lionel Messi, a jogar no Barcelona.

Duas obras que valorizam a bibliografia futebolística e permitem em especial, pela simultaneidade de edições, uma comparação, em vários aspectos, sobre dois dos maiores futebolistas de sempre.

Na morte do Dr. António Mergulhão - Uma lembrança, uma saudade!

Enchia-nos de júbilo e de uma força renascida para a vida aquele seu fraterno e solidário abraço, com que generosamente sempre nos saudava, na grandeza do seu porte e na enormidade do seu benquisto espírito. Foi, não obstante os esporádicos contactos havidos, um dos mais dilectos e sinceros amigos que encontrámos na vida, que curta já não é, ao invés da sua, que ainda deixou muitos anos para viver, conviver e dar-se.

O Dr. António Mergulhão, de seu nome completo António Augusto Pereira Mergulhão, de 64 anos de idade, natural de Portimão e residente em Ferragudo, deixou-nos de súbito, e a todos tremendamente tristes e infelizes, com a doença fulminante que o acometeu, quando em mais uma manhã de Fevereiro (dia 6), se preparava para mais uma jornada do que era o seu quotidiano – o desempenho de funções múltiplas, o convívio na confraternização acontecida e na fraternidade assumida, os deveres a que se entregava por força de um sentido de cidadania que lhe era visceral.

Licenciado pela Faculdade de Farmácia da Universidade Clássica de Lisboa (1973), concluiu a sua especialização em análises clínicas (1976) e desempenhou múltiplos cargos nesta área científica (serviços de análises clínicas do Hospital de Lagos, que implementou; presidente do Conselho Fiscal da Associação Portuguesa de Analistas Clínicos de 2002 a 2008; líder da Assembleia Nacional de Laboratórios Clínicos, em 2006, etc.), a par da conquista de elevadas distinções pelo seu labor de pesquisa e estudo com trabalhos de grande rigor científico e aceitação internacional, em colaboração com vários colegas do Centro de Estudos de Imunoalergologia de Portimão, que foram galardoados com vários prémios, entre os quais os da Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica (SPAIC) e Astra Zeneca (2004).

Na continuidade de uma actividade familiar, foi um activo e dinâmico empresário, com obras em toda a região, e fundou um conhecido e respeitado laboratório de análises clínicas na sua terra natal.

Acompanhamo-lo, como milhares de amigos, na desditosa morte de seu irmão, o comandante Nuno Mergulhão, em trágico acidente de viação ao serviço do Município de Portimão, a que presidia, e que foi uma das grandes referências do Algarve do nosso tempo.

Devotado, desde sempre, sócio do que era um dos grandes amores da sua vida, o Portimonense Sporting Clube, a cuja Assembleia Geral presidia e a que prestou, tal como ao futebol algarvio, assinalados e relevantes serviços, também aqui o saudoso Dr. António Mergulhão deixou a indelével marca do seu querer, saber e dedicação.



Morreu o Dr. António Mergulhão e jamais voltará a acontecer, quer no Estádio Municipal de Portimão, como no laboratório ou nas ruas da capital barlaventina, aquele abraço generoso, franco e amigo de quem foi um dos grandes amigos que na vida tivemos.

À família enlutada, a Portimão e com um sentido próprio ao seu Portimonense, a expressão do mais profundo pesar.



João Leal

Jornalista, professor e ex-dirigente da AF Algarve

Futsal: as leis do jogo

Por António Pincho Correia

Lei 8 - INÍCIO E REINÍCIO DO JOGO

PRELIMINARES

A ESCOLHA DOS CAMPOS É DETERMINADA POR UM SORTEIO EFETUADO POR MEIO DE UMA MOEDA.

A EQUIPA FAVORECIDA PELA SORTE ESCOLHE A BALIZA EM DIREÇÃO À QUAL ATACARÁ DURANTE A PRIMEIRA PARTE.

À OUTRA EQUIPA SERÁ ATRIBUÍDO O PONTAPÉ DE SAÍDA DO JOGO.

A EQUIPA QUE ESCOLHEU A SUPERFÍCIE DE JOGO EFETUARÁ O PONTAPÉ DE SAÍDA NA SEGUNDA PARTE DO JOGO.

NO COMEÇO DA SEGUNDA PARTE DO JOGO, AS DUAS EQUIPAS TROCARÃO DE POSIÇÃO E ATACARÃO NA DIREÇÃO CONTRÁRIA.

PONTAPÉ DE SAÍDA

O PONTAPÉ DE SAÍDA É UM PROCESSO DE COMEÇAR A PARTIDA E RECOMEÇAR O JOGO:

»» NO INÍCIO DO JOGO;

»» DEPOIS DE SER MARCADO UM GOLO;

»» NO COMEÇO DA SEGUNDA PARTE DO JOGO;

»» NO COMEÇO DE CADA PERÍODO DO PROLONGAMENTO, SE FOR CASO DISSO.

UM GOLO NÃO SERÁ VÁLIDO SE RESULTAR DIRECTAMENTE DE UM PONTAPÉ DE SAÍDA.

PROCEDIMENTO

OS JOGADORES DEVEM ENCONTRAR-SE NA SUA PRÓPRIA METADE DO RECINTO DE JOGO.

OS JOGADORES ADVERSÁRIOS DA EQUIPA QUE EXECUTA O PONTAPÉ DE SAÍDA DEVEM ENCONTRAR-SE PELO MENOS A DISTÂNCIA DE TRÊS METROS DA BOLA, ATÉ QUE A MESMA ENTRE EM JOGO.

A BOLA DEVE ESTAR IMÓVEL SOBRE O PONTO CENTRAL DO RECINTO DE JOGO. APÓS O SINAL DO ÁRBITRO, A BOLA ENTRA EM JOGO LOGO QUE SEJA PONTAPEADA E SE MOVA PARA A FRENTE.

(OS ÁRBITROS NÃO DEVEM SOLICITAR A CONFIRMAÇÃO DOS GUARDA REDES OU DE QUALQUER OUTRO JOGADOR ANTES DE ORDENAR A EXECUÇÃO DE UM PONTAPÉ DE SAÍDA).



BOLA AO SOLO

SE NO DECURSO DE UM JOGO O ÁRBITRO INTERROMPER TEMPORARIAMENTE O MESMO POR UMA CAUSA NÃO PREVISTA NAS LEIS DE JOGO, O JOGO DEVE SER RECOMEÇADO COM BOLA AO SOLO. DEVE TAMBÉM SER RECOMEÇADO COM UMA BOLA AO SOLO QUANDO TAL FOR PREVISTO NAS LEIS DE JOGO DE FUTSAL.

O LANÇAMENTO DE BOLA AO SOLO É EXECUTADO NO LOCAL ONDE A BOLA SE ENCONTRAVA NO MOMENTO DA INTERRUPÇÃO. POR QUALQUER INFRAÇÃO ANTES QUE A BOLA TOQUE NO SOLO OU QUE A MESMA SAIA DO RECINTO DE JOGO SEM QUE UM JOGADOR LHE TOQUE DEPOIS DE ESTAR EM JOGO, O LANÇAMENTO DE BOLA AO SOLO, É REPETIDO NO MESMO LOCAL.

(SE A BOLA ENTRA DIRETAMENTE NA BALIZA, APÓS TOCAR O SOLO E POSTERIORMENTE SENDO TOCADA OU JOGADA POR UM JOGADOR:

»» UM LANÇAMENTO DE BALIZA SERÁ CONCEDIDO SE A BOLA ENTRA NA BALIZA ADVERSÁRIA;

»» UM PONTAPÉ DE CANTO SERÁ CONCEDIDO SE A BOLA ENTRA NA PRÓPRIA BALIZA).





O olhar de...
Nuno Encarnação

Vitória versus Sucesso

Nuno Encarnação é licenciado em Ciências do Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana (especialização em futebol, sob a orientação do Prof. Jorge Castelo) e treinador de futebol desde 1996 (UEFA Advanced).

A vitória é: um acto ou efeito de vencer o inimigo em “batalha” = TRIUNFO.

O sucesso é: o resultado de acção ou empreendimento.

Estes conceitos aparentemente semelhantes entre si escondem alguma antítese. Quando nos esforçamos para atingir o nosso melhor, independentemente de ganharmos ou não, podemos dizer que tivemos sucesso.

Se ganharmos atingimos fama e notoriedade, mas se esses resultados não são visíveis no imediato os mais incautos poderão dizer que o treinador falhou. Mas isso não quer dizer necessariamente que não tenhamos tido sucesso.

O trabalho de um treinador de formação congrega vários objectivos. Seria muito redutor pensar que apenas tem o propósito de levar os atletas a atingir a alta competição. Nunca nos devemos esquecer que os atletas que estão a aprender a jogar futebol, estão ali para primeiro adquirir uma educação e só depois seguir uma via desportiva e quiçá profissional.

Não podemos chegar às duas últimas etapas sem esquecer que a primeira será o suporte da sua vida pessoal e social. Os treinadores devem ser capazes de perceber isso. Segundo as palavras sábias de John Wood, treinador americano de basquetebol, “a vitória é quando tu ganhas mas o sucesso é quando tu dás o melhor de ti”.

Podia aqui evidenciar exemplos que me aconteceram ao longo de 16 anos como treinador. Uma vez ganhei, outras perdi mas olhando agora com algum distanciamento posso dizer que também eu tenho sido um treinador de sucesso. São vários os atletas com quem tive o prazer de trabalhar enquanto jovens e que hoje são exemplos de sucesso nos seus clubes. Alguns chegaram a internacionais e outros são hoje pais de família com profissões variadas.

Para se ter sucesso é necessário manter a coerência, carácter e determinação. Sobre tudo paciência! Podemos não chegar ao lugar de treinador de “top” ou ao almejado Santo Graal das equipas de elite mas se formos obstinados na nossa caminhada, sensatos e dermos o melhor de nós, quando chegarmos ao fim podemos afirmar sem qualquer dúvida que tivemos sucesso. As vitórias serão sempre importantes face à pressão social e dos mass media mas a vitória será sempre efémera, enquanto que o sucesso irá acompanhar-nos até ao fim.

Jorge Araújo, treinador português de basquetebol que editou o livro “Diário de um treinador, o insucesso como forma de aprendizagem”, cuja leitura recomendo vivamente, explica os desaires de uma época desportiva quando era treinador da Ovarense e a sua aprendizagem perante o incumprimento dos objectivos desportivos. Este treinador ao realizar uma auto-crítica ao seu planeamento, ao seu trabalho, ao corrigir algo menos bom que acon-

teceu, deu os passos que o levaram inevitavelmente ao sucesso. Um treinador nunca se deve resignar, deve ser crítico todos os dias em relação ao seu trabalho e a tudo aquilo que o rodeia. Sucesso é fazer de todas as épocas, de todos os treinos uma aprendizagem constante, inovando e actualizando a sua visão sobre o treino, o jogo, atletas e tudo o que lhes está associado. A dúvida persistirá sempre, qual é o melhor treinador? Será aquele que ganha ou aquele que consegue fazer melhorar os seus jogadores e rentabilizar as suas equipas? Um treinador de jovens poderá nunca ganhar títulos, um treinador de equipas secundárias poderá nunca ser campeão e no entanto poderá levar uma vida inteira moldando atletas e formando cidadãos. Para finalizar, podemos afirmar sem dúvida alguma que o sucesso é utilizar o que melhor temos e colocarmos ao serviço dos outros, partilhando conhecimento, experiências e afectos.



Introdução

No presente número continuaremos a apresentar o artigo sobre a história do futebol, original do Doutor Jorge Araújo, que continuará nos próximos números da revista. Teremos ainda a segunda parte do artigo sobre a Pedagogia como factor de rendimento desportivo.

Conforme foi informado anteriormente a partir do presente número, passaremos a disponibilizar aos leitores um espaço para responder a questões que nos quiserem colocar, às quais procuraremos dar resposta através dos melhores especialistas que colaboram na docência do curso de educação física e desporto do ISMAT. As questões deverão ser colocadas através do seguinte endereço de email: sportismafa@hotmail.com



Do jogo da bola às Ciências do Desporto

- uma visão histórica sobre a evolução do futebol -

PARTE VII

*A história dos sociólogos não é a história dos historiadores.
Prestar atenção às regras e normas que governam o
comportamento humano, num dado tempo,
e às organizações no interior das quais essas regras são mantidas
e a sua observância controlada passou a ser um trabalho
bastante comum das investigações sociológicas.*

Norbert Elias
(1897-1990)



1. Na revista de Dez/Jan.13 da «AFALGARVE» realizamos uma viagem de (+/-) oitocentos quilómetros, recordando acontecimentos, actores e contextos (alguns!) já narrados na historiografia, de modo a tornar mais perceptível o processo sociológico de construção e desenvolvimento do «jogo da bola», vulgo futebol, nos dois países Ibéricos. Com o itinerário seleccionado, procuramos contribuir, ainda, para uma melhor compreensão do sentido das influências socioculturais operadas ao longo dos tempos, particularmente no âmbito do fenómeno desportivo global, e das transformações operadas na realidade social de cada uma das regiões visitadas, já que nenhuma actividade humana é neutral.

Iniciámos a viagem em Lisboa, em direcção ao Algarve, nos anos noventa do século XIX, uma vez que se reconhece e aceita que foi na capital que, em



1888, nasceu o futebol em Portugal, por influência de Guilherme Pinto e Basto e de outros elementos da sua família, e onde se deram os primeiros passos naquela que é considerada a primeira fase do seu crescimento, e depois desenvolvimento, traduzido no aumento de praticantes, equipas, clubes e associações.

Para o sucesso deste processo precursor muito contribuiu a Instituição Escolar, em particular a **Real Casa Pia de Lisboa**, por via da importância atribuída às práticas físicas e desportivas nas vertentes lectiva e de tempo livre, levando a que muitos ex-casapianos, após concluírem a sua formação académica e profissional e de regresso às suas localidades de origem, assumissem, cada um à sua maneira, um papel dinamizador da sua prática, umas vezes na qualidade de jogadores, outras como co-fundadores de clubes e de Associações Regionais.

Concluímos a viagem revisitando a região da Andaluzia, com destaque para a cidade de Huelva (Riotinto e as suas minas) que, a par de Sevilha, têm a honra de serem consideradas historicamente como as primeiras portas de entrada do futebol no país vizinho, por via do processo sistémico de industrialização e de trocas comerciais entre os povos.



A exemplo do que aconteceu em outras localidades do território espanhol, o processo obedeceu aos mesmos princípios quanto à sua implantação

tendo na sua génese a presença de um significativo grupo de cidadãos britânicos ligados a empresas, seguindo-se a transmissão elitista dos seus hábitos e costumes circunscritos às suas raízes culturais.

Durante o itinerário, recordamos alguns dos clubes pioneiros no movimento associativo ligado ao futebol local, regional e nacional, todos eles com mais de um século de existência (é obra!), relevando os seus antecedentes históricos e as suas origens: no Barreiro, o Futebol Club Barreirense (f:11.Abr.1911); em Setúbal, o Vitória Futebol Clube (20.Nov.1910); em Évora, o Lusitano Futebol Clube (11.Nov.1911); em Faro, o Sporting Clube Farense (01.Abr.1910), o Sporting Clube Olhanense (27.Abr.1912) e o Clube de Futebol Esperança de Lagos (20.Set.1912).

2. Utilizando a mesma metodologia e tendo por base os mesmos objectivos anteriormente enunciados, seguimos agora para Norte, numa viagem de (+/-) mil quilómetros, com uma pequena paragem em Coimbra e no Porto e o final a acontecer na cidade de Bilbao, na região do País Basco, de modo a identificarem-se as naturais semelhanças e diferenças existentes entre os exemplos narrados.

Mas, o sucesso do «jogo da bola», enquanto dimensão lúdica geradora de uma cultura, foi evoluindo num clima de liberdade e festa. É evidente que a nossa evolução sempre esteve condicionada pela situação geográfica de Portugal, com uma costa ocidental de cerca de oitocentos e cinquenta quilómetros de praias. Daí a nossa vocação atlântica expressa a partir dos



Descobrimientos (séc. XV) e das campanhas da Pesca do Bacalhau nas águas da Terra Nova (séc. XVI, primeiro, e séc. XIX, depois). Por isso, o património científico relacionado com as práticas físicas e desportivas em Portugal foi-se desenvolvendo por transformação diacrónica (por sucessão) e sincrónica (por aperfeiçoamento do sistema).

Indutivo deste processo, não é alheia a aliança entre os factos sociopolíticos e os sóciodesportivos, encetados durante a Monarquia Constitucional, vindo a terminar em 5 de Outubro de 1910, com a implementação da I República. É que a construção do caminho-de-ferro acabaria mesmo por ser um elemento importante no desenvolvimento do País, a partir de Lisboa, revolucionando



os transportes e as comunicações com o interior. Em Lisboa, por exemplo, a ligação entre a zona velha (oriental) e a zona nova (ocidental) fazia-se mais pelas águas do rio Tejo, através dos barcos, dos botes, das fragatas e dos bergantis, do que sobre os morosos e irregulares caminhos e estradas de então. E é em 28.Out.1856 que se inaugura o caminho-de-ferro, com a abertura da primeira linha entre Lisboa e o Carregado (cerca de 40 kms). Porém, só duas décadas depois, em 05.Nov.1877, o comboio chegará ao Porto (cerca de 330 kms).

O caminho-de-ferro e as estradas entretanto construídas estão, assim, na génese da mobilidade de pessoas e bens, modificando a imagem do país, criando condições para estimular o desenvolvimento industrial e comercial, beneficiando por vias paralelas a mobilidade desportiva. Simultaneamente neste período foram concretizadas políticas liberais que atribuíam maior atenção à instrução pública, exemplos já referidos anteriormente.

Em conformidade com o itinerário pré-definido chegámos a Coimbra, depois de percorridas as duas primeiras centenas de quilómetros, seguindo na direcção da sua Universidade, criada em 01 de Março de 1290, e onde funcionam, hoje, oito Faculdades com um total de vinte e dois mil estudantes, visando dar conta de alguns episódios gravados na história do movimento associativo estudantil, particularmente na vertente desportiva, onde o futebol tem o seu protagonismo.

Em conformidade com o itinerário pré-definido chegámos a Coimbra, depois de percorridas as duas primeiras centenas de quilómetros, seguindo na direcção da sua Universidade, criada em 01 de Março de 1290, e onde funcionam, hoje, oito Faculdades com um total de vinte e dois mil estudantes, visando dar conta de alguns episódios gravados na história do movimento associativo estudantil, particularmente na vertente desportiva, onde o futebol tem o seu protagonismo.

A **Associação Académica de Coimbra** foi fundada no dia **3 de Novembro de 1887**, mas as suas origens remontam à criação da **Academia Dramática**, designação atribuída em 1837 ao teatro académico, este surgido dois anos antes (1835) por iniciativa do **Instituto de Coimbra**, que de início era apenas uma associação de professores da Universidade de Coimbra, mas que progressivamente foi alargando o quadro dos seus membros ao incorpo-



rar numerosas figuras de prestígio nacional e internacional e contribuindo para a vida científica e literária portuguesa. Com efeito, o **IC** iniciou a sua actividade com a criação de um teatro de estudantes, proposta apresentada numa reunião de escolares no ano de 1835, como forma destes empregarem bem os seus tempos não lectivos. Devido a divergências entre os seus membros, alguns deles demitiram-se avançando para a organização da **Nova Academia Dramática**. Esta associação, composta agora por professores e estudantes, foi a primeira sociedade académica a ser legalmente constituída, acabando por concretizar a criação de um Teatro Académico, inaugurado em 1839 dentro do edifício do Colégio de São Paulo Apóstolo, e de três conservatórios (Dramático, de Música e de Pintura), que mais tarde adoptaram a designação de Institutos.

Com efeito, em 1861, foi criado naquele Colégio o **Clube Académico de Coimbra**, passando este a coabitar os mesmos espaços com o Instituto de Coimbra. Porém, em 1868 a Universidade de Coimbra, devidamente autorizada pelo governo, cedeu ao **IC** o primeiro andar do antigo Colégio de São Paulo Eremita, na Rua Larga 44, deixando este de partilhar o espaço anterior com o Clube Académico. Em consequência, o Clube Académico de Coimbra funde-se com a Academia Dramática, dando origem à **Associação Académica e Dramática**. Finalmente, em 1887, por efeito da conclusão do processo de reforma estatutária da Academia Dramática, que se fundira com o Clube Académico de Coimbra, surge então a **Associação Académica de Coimbra** (AAC), e que no ano transacto completou a bonita idade de cento e vinte e cinco anos.

O seu primeiro presidente foi **António Luiz Gomes** (1863-1961), à época estudante de Direito, tendo exercido esse cargo durante quatro anos. Depois de concluída a sua formação académica em 1890,

Luiz Gomes, que era natural da região de Aveiro, desempenhou as funções de jurista, professor universitário, político e diplomata, tendo-se distinguido como um dos prestigiados membros do Partido Republicano na fase final da monarquia e nos primeiros anos da I República. Em 1911 foi nomeado embaixador de Portugal no Brasil. Após o regresso a Portugal foi eleito provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto, cargo que exerceu até 1921, ano em que foi nomeado reitor da Universidade de Coimbra, então a única Universidade portuguesa. Exerceu essas funções até 1924. Morreu na sua residência do Porto, com noventa e oito anos.

Quanto às origens do futebol em Coimbra, em particular o da **Associação Académica**, o primeiro jogo foi realizado em Janeiro de 1912, sendo nessa altura presidente Álvaro Bettencourt Pereira de Athayde. A preparação para o agendado encontro foi tal que a equipa começou a treinar-se no dia 8 de

Janeiro, na Ínsua dos Bentos, local onde se viria a efectuar a competição tendo por adversário convidado o Ginásio Club de Coimbra. Nessa partida, disputada no dia 28, a Académica surgiu equipada com camisolas brancas e calções pretos, num encontro que terminaria com a vitória da Associação Académica de Coimbra por 1-0.

Três meses depois de ter disputado esse seu primeiro jogo, a Académica de Coimbra estreou-se em competições oficiais,

na **Taça Monteiro da Costa**, competição criada em homenagem a **José Monteiro da Costa** (1881-1911), segundo presidente do Futebol Clube do Porto no período de 1907/11, e que em 2 de Agosto de 1906 tomara a iniciativa de refundar o então Foot-Ball Club do Porto. Monteiro da Costa era filho de um horticultor, membro da União dos Jardineiros do Porto, e que

após ter chegado de Inglaterra, onde estudara, se entusiasmou com a prática do futebol na região, tendo começado por jogar numa equipa chamada Destino. A Taça Monteiro da Costa foi, então, uma competição entre clubes do Norte de Portugal, e que se disputou durante seis épocas consecutivas. Na terceira edição desta prova, a 9 de Março de 1913, a Associação Académica de Coimbra viria a conquistar o seu primeiro troféu, sagrando-se "campeã do Norte", ao vencer na final o F.C. do Porto por 3-1.

Como elo de ligação à Universidade de Coimbra, a Associação Académica, enquanto centro de participação estudantil, sempre constituiu um veículo de apoio aos movimentos estudantis universitários, tendo por base os princípios de Democraticidade, Independência e Promoção dos Direitos Humanos, não só na promoção dos valores desportivos e culturais, como também na marcação de uma Agenda Política Nacional, através da capacidade de mobilização e determinação postos na defesa das causas dos estudantes.

De entre os muitos episódios conhecidos, é de destacar aquele que será sempre lembrado como um dos mais importantes acontecimentos do desporto nacional, e em particular da Associação Académica. Foi um dos momentos de

maior visibilidade das lutas estudantis e um sinal inquestionável de solidariedade transmitida pela equipa de futebol com a luta que se travava em Coimbra contra o Estado Novo, conhecida por Crise Académica de 1969. Esse acontecimento

deu-se na final da Taça de Portugal da época de 1968/69, realizada no Estádio do Jamor, em 22 de Junho de 1969, entre o Sport Lisboa e Benfica e a Associação Académica de Coimbra, com a vitória a sorrir à equipa de Lisboa





por 2-1. Aquando da entrada em campo das três equipas, os jogadores da **AAC**, carinhosamente apelidada de “briosa” pelos seus adeptos, entraram em campo a passo lento e de capas negras aos ombros, enquanto pelas bancadas eram esticadas faixas de contestação ao regime político vigente e distribuídos comunicados para denunciar a repressão aos estudantes.

Pela primeira vez, desde a sua inauguração, a RTP não transmitiu o jogo, censurada pelo Governo. Em consequência destes acontecimentos, o Governo alterou a lei que adia o recrutamento dos estudantes e alguns dos dirigentes da **AAC** foram chamados ao serviço militar. Em 1970, o Ministro da Educação e o Reitor da Universidade de Coimbra, respectivamente José Hermano Saraiva (1919-2012) e António Jorge Andrade de Gouveia (1905-2002) foram exonerados. Porque estavam largadas as sementes de Igualdade e de Liberdade estas viriam a germinar a 25 de Abril de 1974, com a queda do regime.

Mas foi trinta anos antes que a briosa conquistou o seu primeiro troféu nacional, e logo na **1.ª edição da Taça de Portugal**, prova considerada hoje como rainha do futebol português e uma das competições com mais tradições no universo desportivo nacional. Esta primeira final, referente à época desportiva de 1938/39, realizou-se no Campo das Salésias, em Lisboa, no dia 26 de Junho de 1939, pondo em confronto as equipas da Associação Académica de Coimbra e do Sport Lisboa e Benfica, com a equipa de Coimbra, constituída maioritariamente por estudantes universitários, a sair vitoriosa por 4-3. Voltou a ser finalista vencido em 1951, perdendo com o S.L. Benfica por 5-1 e, em 1967, diante do Vitória de Setúbal por 3-2.



Até que novo êxito surgiu, também na mesma competição, agora na época 2011/12, ou seja, setenta e três anos depois da primeira final histórica, desta feita perante o Sporting Clube de Portugal. A vitória aconteceu no dia 20 de Maio de 2012, no Estádio do Jamor, por 1-0, gol apontado por Marinho logo aos 3 minutos de jogo. Em função das transformações sociopolíticas operadas com o «**25 de Abril de 1974**», em 10

de Junho desse ano a **AAC** extinguiu o seu futebol profissional, voltando de novo a ser designado por **Clube Académico de Coimbra**, tendo sido considerado pelo Conselho Superior de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol como o sucessor legítimo e legal da **AAC**, assumindo este a posição da extinta equipa de futebol da Académica na 1.ª Divisão.



Dez anos volvidos, em 13 de Julho de 1984, foi criado o actual **Organismo Autónomo de Futebol (AAC/OAF)**, com o objectivo de reaproximação à casa-mãe, recuperando o mesmo nome e símbolo da Académica.

Hoje, decorridos 125 anos, a **AAC** continua a desempenhar um papel de relevo nas suas diferentes áreas de intervenção tão díspares como são a vertente pedagógica, social, política, cultural e desportiva, valorizando muito mais o nome da própria cidade, do que aquele que lhe está atribuído no seu quotidiano estudantil. Em função do número de praticantes envolvidos, pela quantidade de modalidades que oferece, pela heterogeneidade etária dos seus membros, a que se adicionam os muitos êxitos já conseguidos, é da mais elementar justiça afirmar que a Associação Académica de Coimbra continua a ser a alma e o corpo da cidade de Coimbra, confirmada pela existência das suas dezasseis Secções Culturais, vinte e seis Secções Desportivas e oito Organismos Autónomos, sendo, por isso, considerado um dos clubes mais ecléticos portugueses.

Percorridos mais cento e vinte quilómetros para Norte, eis-nos agora revisitando mais um clube desportivo académico e centenário, sediado no Porto.

Trata-se do **Académico Futebol Clube**, fundado em **15 de**

Setembro de 1911, com sede social na Freguesia de Bonfim. As suas origens remontam ao início do século XX, devendo-se o seu nascimento a uma elite de estudantes, essencialmente provenientes do Liceu Alexandre Herculano, designação atribuída em 26 de Setembro de 1908, e hoje Escola Secundária com o mesmo nome.

O seu primeiro presidente foi Secundino Branco Júnior e o seu primeiro troféu foi conquistado pela equipa de futebol em 1917, ao vencer o Campeonato Regional do Porto, em 2.ªs categorias. Em 1923, a capacidade e o espírito empreendedor dos seus dirigentes, reforçados com o trabalho e dedicação da sua massa associativa, levaram ao início das obras de construção do Estádio do Lima. O campo de Futebol, que em 1937 era o primeiro relvado a nível nacional, estava rodeado por duas pistas: a de Atletismo, em cinza, e a de Ciclismo, em cimento.

Em 1927 ampliaram-se as instalações nos terrenos junto ao estádio e à sede social com a construção de campos de ténis, jardins de recreio, parque de campismo e ginásio. Nessa época, o **AFC** mantinha em actividade centenas de praticantes distribuídos por diversas modalidades, tais como: futebol, atletismo, ciclismo, rãguebi, ténis, basquetebol, hóquei em campo, ténis de mesa, bilhar e ginástica, algumas destas práticas consideradas pioneiras no norte do País.

Corolário de uma intensa actividade, o Académico Futebol Clube viria a ser distinguido, em 5 de Outubro de 1930, com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo, passando esta condecoração a fazer parte do seu emblema. Cinquenta e seis anos depois voltaria a ser distinguido, agora como Membro Honorário da Ordem do Infante D. Henrique, em 15 de Novembro de 1986.

De entre os atletas que deram nome e





prestígio ao **AFC** destacam-se **Manuel Fonseca e Castro**, o primeiro internacional de futebol de um clube da cidade do Porto; José Prata de Lima, o primeiro atleta Olímpico da cidade invicta tendo participado nos Jogos Olímpicos de Amesterdão de 1928, na modalidade de Atletismo, edição que contou também com a presença da selecção portuguesa de futebol ao aceitar o convite do COI; e Ribeiro da Silva (José Manuel Ribeiro da Silva; 1935-1958), natural de São Salvador de Lordelo, vencedor das voltas a Portugal em bicicleta nos anos de 1955 e 1957, e que viria a falecer em 9.Abr.1958 num (sempre estúpido) acidente de motorizada. **Ribeiro da Silva**, fruto dos muitos êxitos conseguidos no ciclismo, é considerado a maior lenda dos atletas do **AFC**, tendo sido apelidado como «o português voador» por Paul Ruinart, especialista em ciclismo e crítico do L'Équipe, jornal desportivo francês, fundado em 28.Fev.1946 por Jacques Goddet.



São muitos os dirigentes, atletas e associados que ajudaram, duran-

te os mais de cem anos, a escrever a história do **AFC**, tornando-o hoje numa verdadeira Instituição de Utilidade Pública de grandes dimensões e com um papel social na cidade do Porto que mais nenhuma associação amadora possui. Continua a ser um clube eclético, servindo uma população cada vez mais abrangente.



3. Para concluir a nossa viagem foram percorridas mais sete centenas de quilómetros, duas até à fronteira de Quintanilha (Bragança) e as restantes até Bilbao, pequena cidade a Norte de Espanha, rodeada por duas montanhas, pertencente à comunidade autónoma do País Basco, capital da província e território histórico da Biscaia, e onde no último quartel do século XIX se considerava existiram condições objectivas para que um importante sector da população abraçasse, com entusiasmo, as novas práticas desportivas da época.



A natural implementação que originou o desenvolvimento do desporto em Bilbao não é, por isso, casual nem excepcional, uma vez que surge num contexto geográfico e temporal muito específico, transformando-se numa moda burguesa e, por consequência, urbana. E o que deu suporte à consolidação do fenómeno sociocultural, e depois sociodesportivo, foi o facto de Bilbao ter aberto as suas portas ao mundo exterior (como acontecera já em Huelva), despertando então para a industrialização. Num curto espaço de tempo converteu-se num território mercantil e comercial, onde se realizaram importantes experiências industriais e financeiras nas mais diversas áreas. Surge o caminho-de-ferro, grandes empresas siderúrgicas, diversos estaleiros navais, oficinas metalúrgicas, minérios, bancos, associações culturais e desportivas, jornais diários e revis-

tas, entre outras, todas estas actividades suportadas por uma poderosíssima classe empresarial.

Por isso não é de estranhar o nascimento e a instalação dos primeiros ginásios na cidade, uma vez que surgem como mais um sinal daquele dinamismo social. A burguesia bilbaína caracterizava-se por ser um grupo social muito activo, sendo atraída por tudo o que vinha da Europa e particularmente do que era «**inglês**». Naquela época fala-se de que a «anglomania» tinha invadido Bilbao.

A cidade acolheu então uma bem formada colónia estrangeira, cuja presença facilitou a enculturação de hábitos, modas e costumes que na época ainda eram desconhecidos na Região. Os simpatizantes pelo desporto estavam circunscritos à aristocracia de **Neguri**, (bairro residencial da classe dirigente do País Basco) e à poderosa burguesia bilbaína, elegendo o ténis, regatas, corridas de motociclos, ciclismo, pelota e futebol, como as suas modalidades de eleição.



Quanto à presença do futebol na capital bilbaína afirma-se que foi em 1887 e teve origem nos irmãos Miguel e Rafael Ferrer Malzárraga, membros do popular **Gimnásio Zamacois** fundado em Bilbao em 1879. Os irmãos Malzárraga ensinavam aos restantes sócios como este recente jogo se podia praticar, e que começava a triunfar nas Ilhas Britânicas, chamando a atenção para os seus benefícios higiénicos pois era muito saudável para o corpo e para a mente, princípio muito na moda naquela época.

Mas o seu crescimento definitivo viria a verificar-se a partir de 1889, tendo a sua origem na colónia britânica ligada à companhia hispano-britânica **Astilleros del Nervión, S.A.** sediada na ria bilbaína. Esta empresa, constituída em 1888 e ligada ao ramo da construção de barcos para a Armada (Estaleiros), tinha como sócios fundadores José Maria Martínez de la Riva y Richardson e o britânico Charles M. Palmer, ambos já possuidores



de grandes impérios relacionados com a construção naval e a metalurgia, e que nesta ocasião decidiram unir-se.

Em 1889 os cidadãos britânicos, a maioria oriundos de Southampton, Portsmouth e Sunderland, praticavam já o rugby nos campos do Bairro de Santutxu e desde 18.Set.1887 começaram a treinar no Hipódromo de Lamiako. Depois começaram a intercalar a prática do rugby com a do futebol, tornando-se este último jogo no favorito para esta localidade. Uma vez que os britânicos eram um povo com fortes tradições, de imediato decidiram avançar para a formação de um clube no qual pretendiam desenvolver as suas actividades recreativas e desportivas, fundando-se em data incerta o **Athletic Club** ou como foi divulgado em Ago.1892, o **Club Atleta de los Astilleros del Nervión**, tendo como presidente Henry Jones e como secretário W. H. Calvert, embora o presidente honorário fosse Adolfo de Urquijo y Ybarra, um dos principais accionistas da companhia na sequência dos problemas surgidos entre Martínez de la



Riva e Charles Palmer.

Entretanto o jornal matutino vizcaíno **El Noticiero Bilbaíno** (1875-1937) dava conta, em 1894, da realização de um jogo que acabou por ficar na história do futebol local. Um elemento do **Athletic Club** tomou a iniciativa de endereçar um convite à colônia inglesa para efectuar uma partida, que foi aceite, tendo o encontro ocorrido no dia 3.Mai.1894, no Campo de Lamiako. Para além do resultado desfavorável à equipa da casa de 6/0, a experiência transformou-se em semente que de imediato começou a germinar, por via do interesse continuado que a prática deste jogo despertou.

Em Junho desse ano, pouco tempo antes de falecer José Maria Zamacois, proprietário do Ginásio Zamacois, é fundada a **Sociedad Gimnástica Zamacois** seguindo o modelo da dos britânicos. O Hipódromo de Lamiako passa a ser o centro das actividades de ambas as sociedades organizadas ao ar livre, sendo a partir de 1898 possível assistir frequentemente, em cada domingo, à interacção entre os jogadores dos dois clubes - britânicos e bilbaínos - ao ponto de se reconhecer serem todos do **Athletic Club**.

Por essa altura começam a surgir em Espanha as associações dedicadas exclusivamente ao futebol, particularmente em Madrid e Barcelona. São instituições organizadas, com dirigentes, estatutos e com uma filosofia muito semelhante à que predomina nos principais países europeus, conscientes que o associativismo desportivo tem um lugar na sociedade e que no futuro será uma peça importante no sistema. No entanto, os desportistas bilbaínos não estão, em princípio, interessados em adoptar esta medida e, sediados em Lamiako, aí permanecem à margem desta tendência.

Mas em finais de 1900, o jovem Carlos Castellanos Jacquet, neto de um importante banqueiro de origem francesa, considera que aquela tendência terá que mudar, já que não podem continuar à margem da legalização da actividade que pratica com



os seus companheiros. Apoiado pelo seu irmão Manuel, mais uns bilbaínos e um importante grupo de britânicos, divide o grupo de Lamiako e separa-se do **Athletic Club**, criando a sua própria associação, o **Bilbao Foot ball Club**, o qual é presidido por si mesmo, adoptando como equipamento camisa e calção branco, passando a realizar os seus

segue o exemplo de outras entidades espanholas, renunciando ao registo de sociedades no Governo Civil, limitando-se a jogar encontros com os jogadores do **Athletic Club**.

Nesta perspectiva, nesse ano um grupo de três dezenas de desportistas que pertenciam ao Ginásio Zamacois, e que habitualmente se reuniam para praticar e falar de futebol, constituíram uma equipa que, sem ser oficial, denominavam **Athletic Club**, decidindo realizar uma assembleia de constituição definitiva dessa associação, a qual teve lugar no dia 5.Abr.1901, no Café García.



O futebol vivia então entre a paixão e as expectativas perante a novidade. Naquele tempo o principal rival do **Athletic Club** era o **Bilbao Foot-ball Club**. O número de espectadores que se deslocavam ao Campo de Lamiako era cada vez maior, chegando-se a contar três mil presenças. Por isso era raro o dia em que o recinto hípico não registava uma enchente. A tudo isto faltava agora organizar jogos de maior qualidade que permitissem medir os desempenhos adquiridos pelas equipas bascas. E essa oportunidade surgiu com a organização do primeiro torneio oficial levado a cabo por ocasião da coroação de S.M. o Rei Alfonso XIII, em 1902. Este troféu foi o primeiro conquistado pelo **Athletic Club**, sob a designação de **Club Bizcaya**, na medida em que a equipa era formada por jogadores dos dois clubes de Bilbao.

Em 1903, o **Bilbao Foot-ball Club** aprovou em Assembleia Geral dissolver a Sociedade ingressando todos os seus membros no **Athletic Club**. Nesse mesmo ano o **Athletic Club** superou uma dura crise chegando-se mesmo a propor a sua dissolução. Ultrapassados estes momentos críticos, os êxitos foram surgindo na vida do clube. Foram campeões de Espanha em 1903, 1904, 1910 e 1911.

Entretanto os jogos de futebol iam em crescendo, surgindo naturalmente figuras de referência como Belauste ou Pichichi. Os campos existentes, primeiro o de Lamiako, depois o de Jolaseta (1910), já não reuniam as condições adequadas para a prática de um jogo que crescia dia-a-dia. Uma equipa tantas vezes campeã necessitava de ter um campo mais digno na cidade, era a filosofia de então.

Sob a presidência de **Alejandro de la Sota**, em 20.Jan.1913 era colocada a primeira pedra no Estádio do **Athletic Club**, em **Veja de San Mamés**, inaugurado sete meses mais tarde, em 21 de Agosto. O jogo da sua estreia pôs frente-a-frente o **Athletic Club** e o **Racing de Irún**, terminando com um empate a uma bola.



Em função do processo e da dinâmica social em torno da consolidação do futebol no País Basco, e tendo presente as iniciativas levadas por diante pelo Bilbao Foot-ball Club, tendentes à sua legalização e estruturação, em Fev.1901, por ocasião das tertúlias do Café García na



capital vizcaína, os principais dirigentes, do ainda não legalizado Athletic Club, Juan Astorquia, Alejandro Atxa e Enrique Goiri, entre outros, lançam a ideia de constituir um novo clube de futebol ao qual denominam de **Vizcaya Athletic Club**, popularmente conhecido por Athletic Club, que equipa de camisa branca e azul e calção preto e utiliza como recinto de jogo o

Campo de Santa Eugénia situado no Bairro de Las Arenas, no limite de Getxo. Com esta decisão, que outros tardaram a tomar, foi finalmente constituído o clube ao serem aprovados os seus estatutos em 11.Jun.1901, seguindo-se o registo da sua legalização com Luís Márquez como presidente e reclamando a sua origem prévia desde 1898.

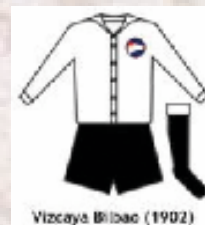
Em finais desse ano, o Bilbao Foot-ball Club, com menos recursos que o seu rival, oferece aos Atléticos a possibilidade de dividir o aluguer do Lamiako, com o objectivo de reduzir custos, aceitando estes a oferta mas acabando, passados poucos meses, por construir um segundo campo. Era evidente a rivalidade entre os dois clubes, que se traduzia também no grande equilíbrio desportivo e, em particular, ao nível do desempenho técnico dos jogadores de ambos. Em 1902, os clubes bilbaínos recebem o convite do clube francês Burdigala de Bordéus, para a realização de jogos em ambas as cidades. O convite foi aceite mas a equipa que se deslocou à cidade francesa foi constituída por um misto de jogadores bilbaínos e atléticos, recebendo o nome de Club Bizcaya, verificando-se os resultados de 2- 0, em Bordéus, e 7-0 em Bilbao, causando enorme sensação na região e no País.

Perante uma euforia desenfreada, reforçada pela divulgação na imprensa da existência de outros clubes em crescendo, como era o caso do Foot-ball Club Barcelona, uma sociedade pujante na Catalunha, e a constituição oficial do Madrid Foot-ball Club, levou a encerrar o futuro do futebol bilbaíno com maior empenho. Mas como o Madrid Foot-ball Club, fundado em 03.Mar.1902 e que praticava o futebol desde 1899, pretendia ser conhecido a nível nacional, é com esse objectivo que decide organizar um torneio na capital, enquadrado na Cerimónia de Juramento da Constituição por parte de S.M. o Rei D. Afonso XIII (1886-1941). Para essa competição decide convidar o melhor que se praticava no País a nível futebolístico, estando neste caso os clubes bilbaínos.

Estes aceitam-no com agrado. Mas passados alguns dias decidem renunciar ao convite. Perante tal decisão negativa, Carlos Padrós, irmão do presidente Madrilita, intercede a toda à pressa no sentido de os demover de tal atitude. Depois de uns dias de intenso diálogo, finalmente os bilbaínos decidem confirmar a sua presença em Madrid, mas com a condição de se fazerem representar com uma equipa mista dos dois clubes, designada por



Vizcaya- Bilbao, embora a imprensa lhe chame de Club Bizcaya. O alto desempenho técnico, por via de ter escolhido os melhores jogadores dos dois clubes, leva a que o combinado do País Basco se imponha a todos os seus rivais, vencendo o torneio. O caminho vitorioso começou com a superação do Club Español de Foot-ball por 5-1, seguindo-se o New Football Club por 8-1, vencendo depois o Foot-ball Club, na final, por 2-1. Após esse desaire desportivo os Barcelonistas aproveitaram a comunicação social para o justificar, alegando não ter existido igualdade de condições de participação, uma vez que a equipa ganhadora era constituída por uma selecção, muito forte, mas que tinha sido previamente aceite para poder realizar-se o Torneio.



Nestes tempos de sucesso futebolístico, para além dos dois clubes já muito poderosos que marcam a vida desportiva da cidade de Bilbao, outros surgem, mais humildes, mas todos reivindicando atenção e importância, como são os casos do Iberia Foot-ball Club e o Unión Foot-ball Club, sendo que este último viria a conquistar o sub-campeonato de Espanha na capital vizcaína, em 1907, com a utilização de alguns jogadores do Athletic Club.

Depois do Torneio de Madrid, ambos os clubes voltam à realidade enfrentando se com os seus problemas económicos por falta de liquidação dos compromissos dos sócios, decidindo, em 29.Mar.1903, fundirem-se numa só entidade a que designam de Athletic Club, adoptando as cores do Vizcaya Athletic Club. Os presidentes de ambos os clubes no momento da fusão eram Juan Astorquia (do Vizcaya A.C.) e Luis Arana (do Bilbao F.C., eleito depois da morte de Carlos Castellanos no início de 1903).

A força desta união leva a que conquistem o I Campeonato de Espanha de 1903, diante o Madrid Foot-ball Club, ao vencerem o derradeiro jogo por 3-2. Este êxito induz os sócios vizcaínos, que militam no clube merengue da capital, à criação de uma filial do clube bilbaíno em Madrid, denominando-o **Athletic Club de Madrid**.

Em 15.Nov.1903, perante a falta de treinos, jogos e receitas, é convocada uma reunião para se decidir sobre a continuidade do clube optando-se, no entanto, por prosseguir com a sua existência. Durante as épocas de 1904 e 1905 o Athletic Club não realiza qualquer jogo com os seus rivais, mas estranhamente é considerado Campeão da Taça do Rei, uma vez que em 1904 os participantes madrilenos, o Club Español de Foot-ball e o Madrid Foot-ball Club, por grandes di-





vergências entre si renunciam à Fase Final da competição, sendo os bilbaínos campeões sem terem realizado um só jogo. Em 1907 o Athletic Club atravessa uma profunda crise e, por esse facto, apresenta-se no Campeonato de Espanha com uma equipa mista que a imprensa volta a designar por Club Vizcaya. Este é presidido por E. Sevilha que há última da hora decide mudar o seu nome para Vizcaya Club, equipa que seria constituída por jogadores do Athletic Club e do Unión Foot-ball Club.



Vizcaya Club (1907)

No início da década de dez, existem duas Federações Nacionais autónomas, a Federação Espanhola de Futebol e a União Espanhola de Clubes de Futebol, pertencendo os clubes bilbaínos a esta última. Em 7.Set.1909 nasce a Sociedad de Foot-ball ao mudar o nome de Ciclista Foot-ball Club de San Sebastián, mas a União Espanhola de Clubes não aceita associações com poucos anos de vida. Perante esta dificuldade, decidem inscrever-se no Campeonato com o nome de outro clube o Vasconia Sporting Club, conjunto mais antigo, chegando à final com o Athletic Club, saindo derrotados por 1-0.



1910

Em 1910 o Athletic Club transfere-se do Campo de Jolaseta, em Neguri, como consequência do aumento da sua massa associativa, mudando também o seu equipamento para o que ainda



1910

hoje se mantém - camisa vermelha e branca e calção branco - vencendo a Copa de 1911, no seu próprio recinto diante do C Deportivo Español de Barcelona por 3-1. Como o Campo de Jolaseta ficava distante do centro de Bilbao, é decidido construir um



1912/13

novo, agora na cidade, ocorrendo a inauguração do Campo de San Mamés, em 21.Ago.1913. A este êxito desportivo da equipa bilbaína, outros três se seguem nos anos de 1914, 1915 e 1916, como corolário do seu forte poderio. Em 1914, perante o España Foot-ball Club de Barcelona por 2-1. Em 1915 ante o Real Club Deportivo Español por 5-0. E em 1916 ven-

cendo o Madrid Foot-ball Club por 4-0. O Athletic Club conquista também o Campeonato do Norte nos anos de 1914, 1915 e 1916, mas a partir de então é superado pelo Arenas Club de Guecho, passando este a disputar a Copa de España.

Na época transacta (2011/12), na Liga Europa, é



Liga Europa 2012

finalista vencido ao defrontar, no Estádio Nacional de Bucareste (Roménia), no dia 9.Mai.2012, o Club Atlético de Madrid, clube que chegou a ser sua filial, perdendo por 3-0, depois de ter eliminado o Sporting Club de Portugal, na 1/2 final, em jogos realizados em 19 e 26.Abr.2012 (1-2 e 3-1).

continua no próximo número



BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Jorge, (2009) – A Prática Desportiva em Idade Escolar em Portugal: análise de influências nos itinerários entre a escola e a comunidade em jovens até aos 11 anos. León: Universidad de León.
- CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, (1987) – Anuário Desportivo: 1986/87. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra.
- CASA PIA ATLÉTICO CLUBE - Ateneu Casapiano, (2012) – 92 Anos de Cultura, Solidariedade e Desporto. Lisboa: CPAC.
- ELIAS, Norbert, (1992) – A Busca da Excitação. Lisboa: Difel.
- FERREIRA, Licínia, (2012) – Instituto de Coimbra: O percurso de uma Academia. Coimbra: Monografia.
- LEONARDO, António, et all. (2009) – O Instituto de Coimbra: Breve história de uma academia científica, literária e artística. Coimbra: Imp. da Universidade de Coimbra.
- MASIÀ, Vicent, (2009) – Historia básica de los principales clubs de fútbol españoles. Pous.



Jorge A. Araújo,
Fev./2013



A Pedagogia como factor de rendimento das aprendizagens e de sucesso desportivo

Parte II

Apresentadas que estão as linhas gerais do processo Pedagógico e abordada a sua importância, nesta segunda parte passaremos a apresentar o modelo didáctico que consideramos adequado a um processo de formação efectivamente eficaz. Desta forma importa em primeiro lugar definirmos o que entendemos por didáctica. Didáctica é uma área de conhecimento prático, que assume como objecto específico a técnica de ensino, isto é, a técnica de dirigir e orientar eficazmente os alunos/praticantes, os atletas na aprendizagem. Assim a didáctica é composta por um conjunto sistemático de princípios, normas, recursos e procedimentos

específicos que deverão ser dominados por quem ensina para que possa orientar os alunos num processo efectivo de aprendizagem, mas tendo em consideração a optimização dessas aprendizagens.

É evidente que todo o tempo ocupado em prática produz aprendizagem, todo o tempo em que se promove orientação da prática, produz aprendizagem,

o problema sobre o qual alertamos e chamamos a atenção é para a qualidade e optimização dessas aprendizagens. Abordar o assunto pelos objectivos implicaria saber na realidade quais as finalidades e objectivos das instituições ao criarem essas “escolas de futebol”. Como referimos anteriormente, neste momento apenas nos interessa centrar a atenção em quem pretende e assume como objectivo a efectiva escola de futebol, onde se procura formar praticantes de futebol que possam vir a ser profissionais. Perante este foco de atenção, importa referir que mesmo seguindo este sentido de orientação, mesmo assim nem todos os praticantes terão a oportunidade de concretizar e alcançar essa finalidade formativa. São muitos os factores que ao longo do tempo e do processo de crescimento influem e podem condicionar a sua consecução, contudo estamos certos que com os processos correctos as probabilidades serão substancialmente maiores.

Contudo importa referir que não existe uma técnica melhor de ensino em termos absolutos, mas de acordo com determinada realidade, optar por uma técnica de ensino mais aconselhável, para isso exige-se conhecimento que possibilite compreender e discernir todos os dados de uma situação real sobre a qual se actua. Temos assim que iniciar por considerar a caracterização dos praticantes: Quem são? Como são? O processo de treino não pode ser indissociado dos valores culturais e sociais que os jovens apresentam, resultantes do processo educativo a que foram sujeitos ao longo das suas vivências, nem de aspectos de ordem genética que influenciarão o seu processo de desenvolvimento em termos cognitivos, afectivos e psicomotores.

Importa desta forma que o treinador/professor possua o conhecimento relativo ao processo de desenvolvimento dos jovens e o conhecimento pedagógico que lhe permita analisar e avaliar devidamente os praticantes/alunos, adequando as técnicas e estratégias de ensino mais convenientes à optimização das aprendizagens. Cabe assim ao treinador/professor, assegurar os

procedimentos ao maior índice de certeza possível sobre a realidade e necessidades dos seus alunos, agora não só sobre os aspectos referenciados como dos seus pontos fortes e debilidades. O processo de avaliação assume nesta óptica um papel determinante, tanto numa fase inicial de ciclo como diagnóstico permitindo adequar o planeamento das acções a realizar, como numa fase de desenvolvimento, na aferição de processos.

Os processos de ensino como a aprendizagem são realidades que assumem uma correlação a que chamamos de relação didáctica. Neste processo distinguem-se três etapas:

1) Planeamento. Nesta etapa formulam-se os objectivos e os planos de trabalho adaptados aos objectivos previstos. A formulação de um plano implica a tomada de decisões antecipada e a reflexão anterior à prática.

2) Execução. Posteriormente ao planeamento, onde o professor/treinador põe em prática os recursos e métodos didácticos, desenvolvendo o processo de ensino.

3) Avaliação. Etapa em que se verificam os resultados obtidos na execução do processo.

Como referido no processo de planeamento importa ter conhecimento de quem são os praticantes. Diagnosticar é uma tarefa fundamental do treinador, permitindo-lhe determinar as características e desta forma as capacidades dos alunos/praticantes de forma a rentabilizar o processo de ensino, no sentido de determinar os objectivos em relação aos conteúdos propostos pelo programa. Cabe assim ao treinador/professor desenvolver junto dos alunos um conjunto de exames (provas) que lhe permita analisar, avaliar e identificar especificamente os pontos fortes e debilidades dos alunos em relação à área foco de aprendizagem. Possibilitando simultaneamente ao professor a aplicação de procedimentos, meios e estratégias mais adequadas à classe e a cada aluno individualmente.

Numa primeira fase importa ter em consideração a idade cronológica e determinar a idade biológica de cada aluno/praticante. Os índices de maturação correspondem a estádios de desenvolvimento dos praticantes, o que na formação é determinante porquanto condiciona os processos de treino ao nível das metodologias e estratégias no que concerne à persecução dos processos e eficácia relativamente à consecução das finalidades. Quando se trata de formação não podemos interpretar como um atleta apenas mais pequeno, isto porque além da sua menor capacidade fisiológica também apresenta um menor entendimento cognitivo. O seu processo de desenvolvimento implica várias fases, que apresentam uma correlação com momentos em que o jovem se encontra mais predisposto ao desenvolvimento, momento que denominamos de fase sensível, estando demonstrado cientificamente que quando não se cumprem essas fases e se atrasam ou aceleram procurando ultrapassar sem consolidar devidamente cada uma das fases, estamos perante uma realidade de especialização precoce que a médio/longo prazo apresenta debilidades que irão condicionar o desenvolvimento eficaz do jovem, com consequência na incapacidade de consecução em relação às finalidades propostas no processo de formação.

Sendo esta efectivamente uma das causas de insucesso que a formação a nível nacional apresenta, condicionando um numero substancial de jovens da formação dos diferentes clubes que assim nunca chegam a representar um grande clube nacional e/ou internacional e os ditos grandes clubes, com representatividade nacional, tenham que recorrer a jogadores internacionais, ape-





sar de divulgarem a existência na instituição de escolas de formação. Pela importância de esclarecimento que o assunto merece, e no âmbito do artigo que apresentamos reproduzimos uma tabela das fases sensíveis de desenvolvimento dos jovens, realçando que deve ser tomado em conta o facto de que as idades cronológicas referidas são estimadas pela média, implicando uma adequação à realidade de cada praticante em função do seu nível de ma-

turação e estágio de desenvolvimento.

FASES SENSÍVEIS DO DESENVOLVIMENTO												
IDADE		6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
DESENVOLVIMENTO MOTOR (COORDENAÇÃO)	COORDENAÇÃO DE MOVIMENTOS GLOBAIS											
	COORDENAÇÃO DE MOVIMENTOS FINOS											
	COORDENAÇÃO DE MOVIMENTOS DE EQUILIBRIO											
	COORDENAÇÃO DE MOVIMENTOS DE EQUILIBRIO											
	COORDENAÇÃO DE MOVIMENTOS DE EQUILIBRIO											
DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO	PERCEÇÃO											
	MEMÓRIA											
	ATENÇÃO											
	COMUNICAÇÃO											
DESENVOLVIMENTO SOCIAL	COORDENAÇÃO DE MOVIMENTOS GLOBAIS											
	COORDENAÇÃO DE MOVIMENTOS FINOS											

Partindo desta base de orientação o professor/treinador deve assumir como necessidade a efectiva caracterização dos elementos do grupo, constituindo-se como procedimento típicos de diagnóstico:

- Observação directa e sistemática da atitude e desempenhos dos alunos nas actividades propostas.
- Analisar as tarefas realizadas pelos alunos e determinar os seus erros mais frequentes e típicos.
- Realizar provas analíticas, tipificadas ou elaboradas pelo próprio professor, como forma de identificar a dificuldade ou o mecanismo responsável dos erros constantes do aluno; dando enfoque principalmente aos aspectos mecânicos de aprendizagem deficiente.

d) Colocar questões de forma frequente sob a forma de interrogatórios reflexivos, relacionados com especificidade das tarefas propostas, como forma de determinar o grau de compreensão e verificar os seus efeitos.

e) Realizar conversas informais individuais com os praticantes para sondar a natureza e a dinâmica das suas motivações intrínsecas, assim como detectar algum bloqueio emocional que perturbe a aprendizagem.

A utilização destes procedimentos, permitirá ao professor identificar especificamente, em relação à aprendizagem de cada aluno.

Determinação de objectivos

O professor após ter uma avaliação real sobre cada um dos alunos/praticantes, passará a determinar os objectivos que pretenderá alcançar, em resultado de uma reflexão que lhe permitirá de acordo com a realidade dos seus atletas, precisar sobre as suas intenções pedagógicas, clarificando sobre as metas que pretende alcançar.

O modelo de determinação dos objectivos deve partir dos objectivos gerais para os mais específicos, sustentados em três princípios de desenvolvimento:

a) Competência. O aluno no final do processo de planificação do programa deve ter alcançado conhecimento relacionado com o que se poderá considerar de base relativamente aos conteúdos propostos.

b) Capacidade. O aluno deverá ter capacidade para reproduzir em situação de jogo os conhecimentos adquiridos e desenvolver criativamente as soluções para as questões e problemas com que se depare.

c) Atitude. Uma das metas é desenvolver nos alunos em formação diz obrigatoriamente respeito à personalidade, devendo este assumir uma atitude que lhe permita aprender e querer aprofundar o conhecimento, tornando-se um profissional disciplinado, preparado e responsável.

Princípios básicos na formulação de objectivos

A formulação dos objectivos precisa de considerar alguns princípios básicos para a sua eficaz aplicação. Assim os objectivos para que sejam operativos e úteis no processo de ensino, devem cumprir com alguns requisitos mínimos:

- 1) Explícitos. Os objectivos devem ser colocados de forma explícita para poderem ser analisados e entendidos.
- 2) Precisos. O estabelecimento de objectivos gerais, concretizam-se noutros mais precisos e detalhados. O grau de precisão difere em função do tema e da actividade a desenvolver.
- 3) Definição no tempo. Os objectivos precisam de um horizonte temporal. Assim poderão ter uma duração que corresponda a um determinado ciclo, época desportiva ou relacionados com determinadas exigências particulares. Poderão ainda ser determinados em função como referido anteriormente do que consideramos de curto, médio ou longo prazo.
- 4) Realistas. O planeamento deve ser necessariamente estabelecido a partir de princípios realistas. Nesta conformidade também os objectivos serão realistas e dessa forma alcançáveis, estimulantes e motivadores.
- 5) Observáveis. Os objectivos de ensino importa que sigam condutas observáveis e com possibilidade de serem medidas, como forma de permitir o controlo dos resultados alcançados e o cumprimento dos objectivos propostos.
- 6) Avaliação. O conhecimento do cumprimento dos objectivos requer que este possa ser utilizado como critério de avaliação. O controlo da actividade é importante e deve ser preciso, como forma de permitir a comparação entre os objectivos iniciais e

os actuais, demonstrando a evolução resultante e permitindo identificar as condutas que melhor têm resultado nas diferentes situações. O objectivo deverá ainda servir de critério no processo de avaliação a aplicar.

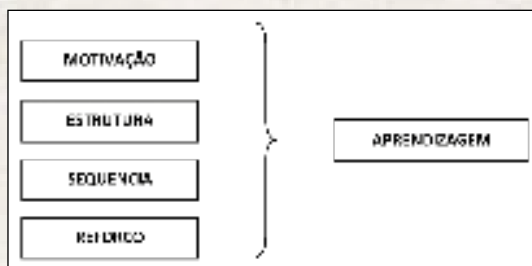
7) Comunicação. A definição de objectivos serve como instrumento de comunicação ao aluno, mantendo este informado em relação à sua evolução e ainda como ponto de referência e orientação para o desenvolvimento das suas acções.

Os domínios dos objectivos deverão incidir nas diferentes áreas em que pretendemos intervir no sentido de alcançar as finalidades propostas no processo de formação e neste âmbito agregar o desenvolvimento da capacidade cognitiva, afectiva e psicomotora.

Etapas de Execução

A intervenção do professor é da máxima importância no processo do rendimento dos alunos. A aprendizagem encontra-se condicionada à sua atitude e ao seu desempenho. A etapa de execução deve em primeiro lugar procurar cumprir com o estabelecido no planeamento e de acordo com a caracterização dos alunos condicionar na opção das técnicas e estratégias de ensino utilizadas pelo treinador nas suas sessões de treino como forma de assegurar as aprendizagens dos praticantes. Promover as aprendizagens é a função do professor, as técnicas de intervenção que são da sua responsabilidade são determinantes no que se refere à qualidade das aprendizagens, sendo fundamental o conhecimento do professor porquanto dele depende o sucesso do aluno.

Assim é importante que o professor/treinador domine uma série de conhecimentos pedagógicos que determinarão as aprendizagens e, é por esta razão que consideramos que a pedagogia deverá ser entendida como um factor de rendimento do processo de treino, bastando o seu desconhecimento para que todos os restantes factores (físicos, técnicos, tácticos, psicológicos) não assumam qualquer eficácia ou na melhor das hipóteses apresentem resultados muito abaixo do que poderia ser alcançado. Considerando este factor como condicionante dos restantes, o processo de ensino implica um planeamento de forma a perspectivar as acções no treino assegurando uma organização que promova a conjugação dos restantes factores envolvidos.



A sessão de treino deverá, de acordo com esta organização, em primeiro lugar assegurar-se que os exercícios e tarefas escolhidas são do agrado dos praticantes ou pelo menos deverão envolver uma preparação prévia, de forma a garantir índices de motivação elevados pois só dessa forma o exercício terá o efeito desejado. A estrutura diz respeito à forma como a sessão é apresentada, considerando como um factor que otimiza a transmissão e a compreensão do mesmo. Compreender a estrutura de um exercício implica entendê-lo como um todo para que possa relacionar com uma determinada situação de jogo. O modo de apresentação é de grande importância porquanto refere-se à técnica, ao modo e método pelo qual a informação é comunicada, sendo esta uma das razões porque os professores/treinadores não conseguem comunicar. Situação que se constata quando se verifica a incapacidade de em situação de jogo formal não ocorrerem

de acordo com o projectado pelo treinador, verificando-se que o aluno/praticante é incapaz por não ter compreendido o que se pretendia, ou simplesmente porque o modo de apresentação utilizado pelo professor/treinador não se ajusta ao nível de experiência do aluno/praticante, tornando esta incompreensível. A sequência em que os exercícios e/ou tarefas são apresentadas. O processo de ensino implica envolver o aluno através de uma determinada sequência formada por várias exigências das tarefas que envolvem os exercícios, devendo estes ser apresentados e solicitados de acordo com as aprendizagens e o domínio das acções, sendo que o modelo deverá obedecer a um processo de progressão crescente de complexidade.

A aprendizagem requer reforço e esta depende do momento em que se recebe a informação retroactiva (feedback) sobre o que se está a fazer, dependendo a aprendizagem do momento em que este é dado. Os resultados têm de ser conhecidos na altura precisa em que o aluno avalia o seu próprio desempenho, sendo também nesta fase que o papel do professor é de primordial importância e de grande sensibilidade, porque depende dela a aprendizagem do aluno.

Segundo estes procedimentos o Plano de sessão deverá ser entendido como fundamental porquanto permitirá não só orientar os procedimentos do treino de acordo com o planeado como possibilitará o registo com precisão dos acontecimentos decorrentes na sessão, facilitando a aferição do planeamento com objectividade e eficácia.

No plano de sessão/treino deverão constar as seguintes referências:

- Titulo e identificação.
- Os objectivos da sessão devem ser:
 - concretos e bem definidos
 - alcance imediato, e de exequibilidade dentro do tempo limitado da própria sessão
 - vinculados com as aquisições que os alunos devem fazer
- Meios auxiliares de utilização na aula.
- Procedimentos didácticos que se utilizarão na sessão obedecendo à descrição da especificidade das tarefas e exercícios, intensidade, duração, intervalo e apresentação esquemática. Estes procedimentos devem estar organizados e considerar o seguinte enquadramento:
 - Aquecimento, parte fundamental, parte final
 - Motivação
 - Acções diagnosticadoras.
 - Resolução de debilidade dos alunos/praticantes.
 - Designação de tarefas a realizar na próxima sessão.

Muito haveria ainda a referir em relação à componente Pedagógica do treino de Formação em Futebol, vários aspectos certamente deveriam ter sido referidos, contudo consideramos que estes seriam os mais pertinentes de acordo com o que seria possível de ser entendido de forma, a que os leitores interessados possam usufruir de alguns pontos de vista sobre o conhecimento e importância da Pedagogia no processo de ensino e permitindo-lhes reflectir e adequar às suas práticas diárias.



J. Martinez
Doutor em Didáctica



O microciclo padrão no escalão de infantis (sub-13): uma proposta metodológica



CARLOS HUMBERTO ALMEIDA

Licenciado em Ciências do Desporto – menção Educação Física e Desporto Escolar (FMH-UTL)

Mestre em Treino do Jovem Atleta (FMH-UTL)

Treinador de Infantis e Coordenador Técnico de Futebol 7 no clube JD Monchiquense

A Relevância do Microciclo nos Modelos de Periodização Atuais no Futebol

Nos jogos desportivos colectivos, onde se inclui o futebol, o tipo de periodização do treino não é idêntico ao comumente observado nos desportos individuais. Há algumas décadas atrás, era vulgar projectar e implementar estruturas de planeamento fortemente assentes no desenvolvimento das capacidades condicionais (i.e., força, velocidade, resistência e flexibilidade) no treino de modalidades colectivas. Tratando-se de desportos com estruturas de rendimento complexas, acabou por se perceber que os modelos de periodização clássicos eram bastante limitados. Por isso, a teoria e a metodologia do treino têm vindo a evoluir no sentido de dar resposta às necessidades, cada vez mais específicas e exigentes, desta tipologia de desportos, designadamente no que concerne ao alto rendimento.

Particularmente no futebol, a lógica de ajustar a periodização ao calendário competitivo enfatizou o microciclo como estrutura fundamental de planeamento ao longo da época desportiva (Seirul-lo Vargas, 2001). A sua definição surge em função da distribuição cíclica dos jogos (competição), permitindo organizar e assegurar a coerência dos processos/conteúdos de treino numa determinada sequência de sessões, embora corresponda normalmente a uma semana de preparação. Nos modelos de periodização mais recentes, com destaque para a Periodização Tática, o desenvolvimento do “jogar” é concretizado mediante o estabelecimento de um microciclo padrão. Esta microestrutura é padronizada, contudo, os seus conteúdos não são estanques, nem tão pouco devem ser repetidos de forma rotineira. Segundo Guilherme Oliveira, citado por Silva (2008), o padrão semanal é basilar para a organização do processo, porém, após

o jogo, é feita uma análise e elaborado um conjunto de objectivos a atingir na semana seguinte (dinâmica aquisitiva do “jogar”), pelo que os conteúdos e os meios de treino podem ser muito diversificados. A competição assume um papel determinante na configuração do padrão semanal, na medida em que se constitui como o meio mais fidedigno de identificar se o que o treinador pretende está ou não a ser conseguido, se as ideias estão ou não a ser transmitidas correctamente.

Periodizar o Treino de Crianças/Jovens: Algumas Considerações

Não é novidade que o treino de jovens não se pauta pelos mesmos critérios da prática desportiva adulta. Apesar disso, a realidade mostra-nos um elevado grau de generalização dos modelos de periodização nos diferentes níveis de rendimento, inclusivamente nas diversas etapas de formação no futebol. Por exemplo, a Periodização Tática, que tem vindo a ganhar imensos seguidores na modalidade, tem sido aplicada indiscriminadamente tanto a equipas de elite, como a nível sénior no distrital e, disparatadamente, no treino com crianças/jovens com menos de 13 anos de idade.

Vítor Frade, conhecido como o mentor da Periodização Tática, admite que este modelo de periodização deve ser introduzido somente a partir da fase de especialização, ou seja, do escalão de Iniciados (Sub-15) (Fonseca & Garganta, 2006). Esta ideia adquire significado uma vez que este modelo de periodização apresenta uma orientação conceptual e metodológica no sentido do alto rendimento. Portanto, não é o processo de formação de jovens na modalidade que está em causa, mas sim a organização da forma desportiva dos jogadores (o individual) e da equipa (o colectivo), no quadro de acções e comportamentos inerentes ao modelo de jogo pretendido pelo treinador.

Treinar com intensidades elevadas desde o período preparatório da época não faz muito sentido no treino com crianças/jovens. Nos escalões de formação de base, a aprendizagem nas dimensões técnica e tática não é um processo imediato, requerendo mais o volume que a intensidade, no intuito de aperfeiçoar acções técnicas, desenvolver a capacidade de raciocínio tático, evitando, por outro lado, o insucesso que conduz à saturação, desistência e abandono do processo de treino e competição (Stafford, 2005). Outra questão essencial na formação do jovem praticante é a relação estabelecida entre os princípios da multilateralidade e da especificidade. Ambos





de jogos reduzidos e/ou condicionados e formas jogadas. Importa dotar os mais jovens de simples regras de acção para solucionar problemas resultantes do contexto situacional do jogo e não propiciar, como na Periodização Táctica, uma aquisição progressiva de princípios e subprincípios, conducentes a uma dinâmica organizada do “jogar” da equipa, em pleno respeito pelo modelo de jogo. Pretende-se que os jovens aprendam a pensar e a tomar decisões de forma autónoma, libertos de factores extrínsecos que condicionem a manifestação do seu potencial individual, sejam eles o modelo de jogo a cumprir ou

a obediência de instruções provenientes do treinador.

Proposta Metodológica para o Escalão de Infantis (Sub-13)

Conforme visto anteriormente, a adopção de um modelo de periodização nos escalões de formação de base deve reger-se por pressupostos distintos dos que norteiam a prática adulta amadora ou de alto rendimento. Ainda assim, é possível encontrar ideias susceptíveis de serem adaptadas na periodização do treino com crianças/jovens. A figura 1 exhibe uma proposta de microciclo padrão, estruturalmente baseado no paradigma da Periodização Táctica, mas com conteúdos e respectiva organização adaptados ao escalão de Infantis (12-13 anos).

Esta proposta engloba três sessões semanais, cada uma com uma duração total entre os 75 e os 90 minutos. O domingo, a terça e a sexta-feira não constam na figura, sendo considerados dias de recuperação passiva, embora esta configuração possa, naturalmente, ser ajustada. De acordo com Rowland (2005), as crianças e os jovens pré-adolescentes tendem a recuperar mais rapidamente que os adultos, tanto em exercícios de intensidade elevada, como noutros de menor intensidade, devido a diferenças observadas nalguns parâmetros fisiológicos, o que leva a supor que os dias de repouso permitem a recuperação

Tempo Parcial/Total (min)	Sábado	Segunda-feira (Dia 1)	Quarta-feira (Dia 2)	Quinta-feira (Dia 3)	Sábado
10	JOGO	Fase Preparatória (mobilidade articular; flexibilidade)	Fase Preparatória (jogos lúdicos; aquecimento; habilidades técnicas individuais)	Fase Preparatória (jogos pré-desportivos, espaços reduzidos)	JOGO
10 – 15		Fase Multilateral (jogos/circuitos de força, peso do corpo; estafetas; exercícios de coordenação motora; ações específicas com tração)	Fase Multilateral (circuitos e habilidades motoras específicos em regime de resistência; jogos pré-desportivos)	Fase Multilateral (sprints; jogos de perseguição com bola ou outros objetos; estafetas com ou sem bola, espaços reduzidos)	
50 – 55		Fase Específica (jogos reduzidos, fração intermédia do “aprender a jogar”; grau de constrangimento elevado; posse de bola; princípios ofensivos)	Fase Específica (jogos competitivos/formas jogadas, grande fração do “aprender a jogar”; grau de constrangimento reduzido; organização setorial; princípios defensivos)	Fase Específica (jogos muito reduzidos, pequena fração do “aprender a jogar”; grau de constrangimento nulo; finalização; esquemas táticos; princípios específicos)	
5 – 10		Fase Final (exercícios analíticos de posse, drible ou finalização em regime de recuperação ativa)	Fase Final (finalização; alongamentos)	Fase Final (recuperação com bola em regime de recuperação ativa; alongamentos)	
75 – 90		60 % 20 % 10 % 5 % 5 %	65 % 20 % 10 % 2,5 % 2,5 %	65 % 20 % 5 % 5 % 5 %	
Dimensões do Treino (Importância Relativa)					
Tático-técnica	Resistência (geral e específica)	Velocidade (geral e específica)	Força (geral e específica)	Flexibilidade	Capacidades coordenativas

Figura 1. Proposta de microciclo padrão para o escalão de Infantis (Sub-13) com três treinos semanais.



praticamente total para o treino ou competição seguinte. Relativamente às dimensões do treino, a sua importância relativa (%) procura dar resposta às necessidades básicas de treino multilateral e específico nestas idades. Ainda que Stafford (2005) proponha uma relação de 40/60, o microciclo proposto privilegia mais o princípio da especificidade, sendo a proporção igual ou superior a 35/65. Este escalão etário constitui uma etapa fundamental para a aprendizagem, pelo que na dimensão tático-técnica o treinador deve estimular a autonomia decisional dos jovens praticantes, sem grandes restrições estratégico-táticas, mediante duas abordagens: a descoberta guiada e a resolução de problemas contextuais do jogo. Adaptando os procedimentos da Periodização Tática, a evolução semanal nesta dimensão comporta três níveis:

- **Dia 1 (fracção intermédia do “aprender a jogar”):** espaço e número de jogadores reduzidos; condicionantes/constrangimentos ao nível do número de passes, toques sobre a bola ou circulação da mesma por determinados corredores; diversidade de alvos; superioridade/inferioridade numérica (Gr+2v4+Gr); paragens pontuais para instruções/feedbacks sobre conceitos táticos simples; privilegiar a manutenção da posse de bola; princípios específicos do jogo ofensivo.
- **Dia 2 (grande fracção do “aprender a jogar”):** espaço e número de jogadores pouco reduzidos; igualdade numérica (Gr+5v5+Gr); condicionantes ligeiras ou inexistentes; poucas paragens; resolução de problemas de situações similares à competição; enfoque na organização setorial; referência aos princípios específicos do jogo defensivo.
- **Dia 3 (pequena fracção do “aprender a jogar”):** jogos mais reduzidos (3v3; Gr+2v2+Gr); condicionantes inexistentes, para libertar a criança/jovem de restrições tático-técnicas na sessão anterior ao jogo; elevada velocidade de decisão e execução; situações muito descontínuas; incidir prioridade na finalização; proporcionar combinações táticas; promover a aprendizagem de situações de bola parada (pontapés de canto, pontapés livres e lançamentos laterais); focalizar um ou outro princípio específico.

No que concerne às capacidades condicionais e coordenativas, no **Dia 1** a maior importância relativa é atribuída à força (geral e/ou específica), através de jogos lúdicos (“carrinho de mão”,

“tracção à corda”, “cavalitas”), estafetas (“pé coxinho”, “saltos a pés juntos”, “condução de bola com tracção”, etc.) e circuitos (incluir exercícios com o próprio peso corporal, saltar barreiras/à corda) e, posteriormente, à flexibilidade (exercícios dinâmicos na fase preparatória). No **Dia 2** o enfoque é dado à resistência e, em menor grau, à coordenação motora, promovendo-se o trabalho de habilidades motoras gerais e específicas em situações de jogo lúdico (apanhada), jogo pré-desportivo ou circuitos multiactividades. Por último, no **Dia 3** privilegia-se o treino das diversas formas de manifestação da velocidade (geral e específica, cíclica e acíclica), por estarmos já no que Stafford (2005) menciona como intervalo óptimo de treinabilidade.

Muito mais haveria para escrever sobre esta proposta. Outras decerto terão o seu mérito. É importante que reflectamos sobre a temática e que se partilhem experiências. Como avançar no sentido de definir modelos de organização do treino conducentes a um desenvolvimento mais equilibrado e efectivo dos jovens e que garantam níveis de rendimento cada vez mais elevados no futuro? E mesmo que poucos atinjam o alto rendimento, não é admissível negligenciarmos procedimentos que, a longo prazo, funcionem como elementos estruturantes da formação desportiva e cívica daqueles que, futebol à parte, constituirão o futuro da nossa sociedade: as crianças e os jovens.

Referências

- Fonseca, H., & Garganta, J. (2006). Futebol de rua: Um beco com saída. Do jogo espontâneo à prática deliberada. Lisboa: Visão e Contextos.
- Martin, D., Carl, K., & Lehnertz, K. (2008). Manual de teoria do treinamento esportivo. São Paulo: Phorte Editora.
- Rowland, T. W. (2005). Children’s exercise physiology (2nd Edition). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Seirul-lo Vargas, F. (2001). Nuestra entrevista del mes: entrevista de metodología y planificación. Revista Training Fútbol, 65, I-XI.
- Silva, M. (2008). O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Tática. Pontevedra: MCSports.
- Stafford, I. (2005). Coaching for long-term athlete development: To improve participation and performance in sport. Leeds: Sports Coach UK.



Último Pontapé

Do pó do passado aos jovens de hoje

Hoje quase todos os concelhos do Algarve – Castro Marim é a excepção, entre 15 municípios – dispõem de campos de futebol de relva natural ou de piso sintético mas há umas décadas assim não sucedia, com os pelados a marcarem posição dominante, alguns dos quais em péssimas condições, constituindo sempre um obstáculo difícil de superar, mesmo para equipas mais qualificadas.

Em vários casos, e sobretudo nos meios piscatórios, às más condições oferecidas para a prática do futebol juntava-se um ambiente de clara pressão sobre o conjunto visitante e os árbitros, nos tempos em que era frequente jogos importantes do campeonato distrital contarem com largas centenas e até mesmo milhares de pessoas em redor das quatro linhas.

Ir a Vila Real de Santo António, Monte Gordo, Fuzeta, Olhão, Armação de Pêra, Alvor ou Sagres, só para citar alguns exemplos, era sinónimo de dificuldades acrescidas, neste último caso devido ao forte vento que ali normalmente se faz sentir, com a bola a andar constantemente pelos ares, num campo visivelmente inclinado para poente, em que uma equipa jogava sempre “para baixo” e a outra “para cima”...

Na Fuzeta, ao fervor do público juntava-se um campo de exíguas dimensões, com a esquina de um prédio a “entrar” pelo recinto, ficando muito próxima da linha lateral; em Monte Gordo, Armação de Pêra ou Alvor os pescadores não paravam de incentivar os jogadores locais, criando uma atmosfera a que nem todas as equipas adversárias resistiam; nos pelados do Francisco Gomes Socorro (hoje sintético), em Vila Real de Santo António, e do Padinha (demolido para dar lugar a um espaço comercial), em Olhão, muitas equipas de renome por esse país fora baquearam, em par-

ticular nas décadas de 40 e 50 do século passado, vergadas não apenas à qualidade das formações do Lusitano e do Olhanense mas também a um ambiente claramente inibidor para quem ali se deslocava.

Hoje a realidade é outra, perdeu-se o bairrismo que nesses tempos imperava, e, paradoxalmente, havendo melhores condições para a prática do futebol e para os espectadores, temos menos gente nos jogos, tornando-se desejável e necessário um esforço de aproximação entre as diferentes colectividades da região e os meios em que estão inseridas, de forma a chamar um número crescente de entusiastas pela modalidade – que os há.

Por outro lado, e tendo sido realizado ao longo das últimas décadas um trabalho significativo por parte de várias autarquias no apetrechamento do parque desportivo dos respectivos municípios, o Algarve apresenta ainda algumas lacunas a que urge dar resposta, sob pena de interessantes e consistentes projectos desportivos esmorecerem, devido à falta de condições – leia-se recintos desportivos adequados às necessidades de hoje.

Já não temos pescadores a gritarem em volta do campo, até ficarem roucos, e não há propriamente campos temidos por qualquer equipa, mas dispomos de centenas de jovens, alguns de reconhecido potencial, que ainda jogam em pelados e precisam, quanto antes, de melhores espaços para a prática desportiva, a fim de que a história fique apenas e só no seu lugar próprio, o passado.

ARMANDO ALVES





Desporto

COMPLEXO DESPORTIVO

Vila Real de Santo António

Desporto aqui.



Município de Vila Real de Stº, António
Praça Marquês de Pombal
8900 - 231 Vila Real de Stº, António

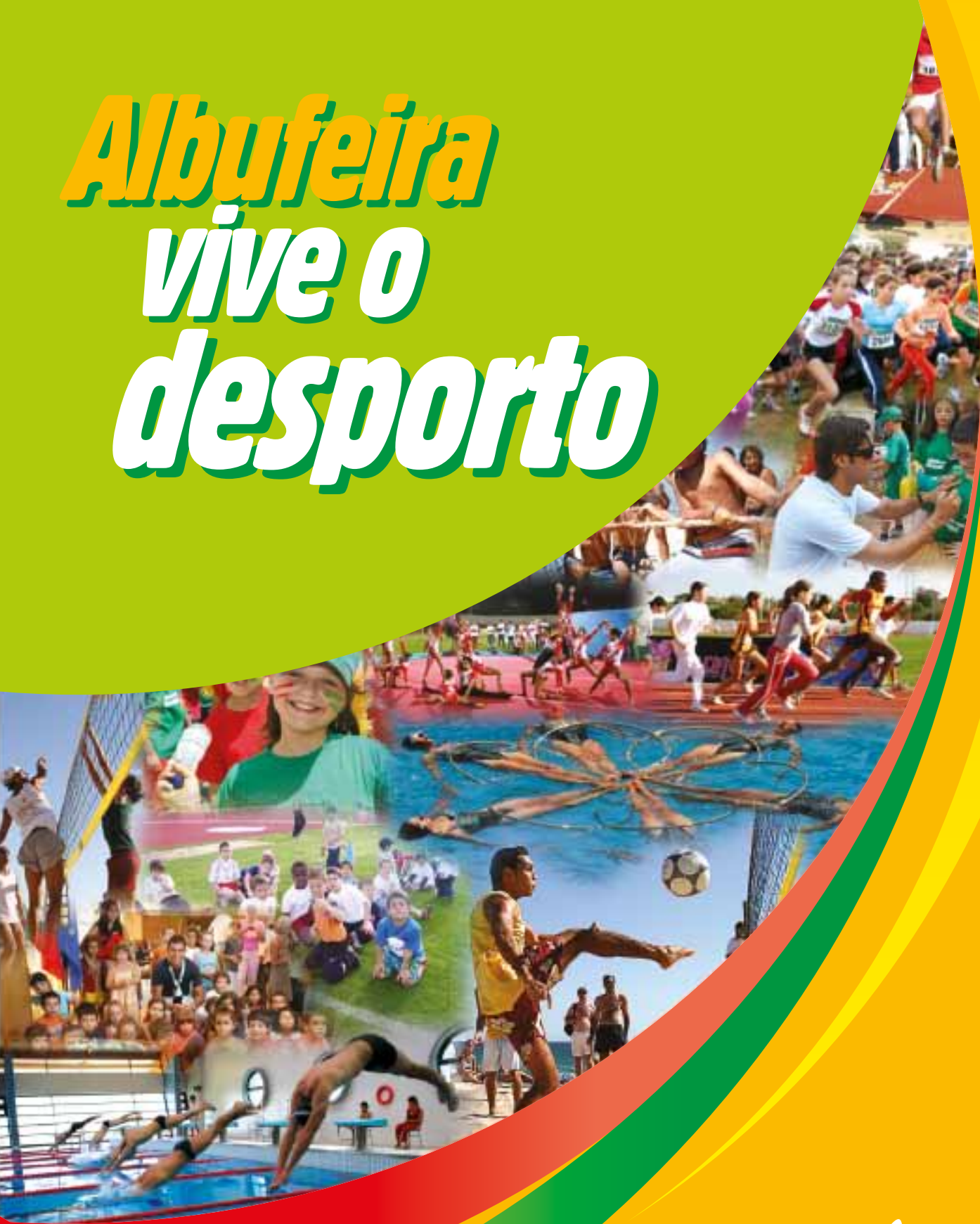
Tel. 281 510 000
Fax. 281 510 003

www.cm-vrsa.pt



VILAREALSTºANTONIO

Albufeira vive o desporto



Albufeira

CÂMARA MUNICIPAL

www.cm-albufeira.pt